

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

UM HOMEM
E
UMA ÉPOCA

(Esboço biográfico de José Barnabé de Mesquita “Sênior”)

(1855-1892)

Cuiabá
Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso
Anno VII — Tomo XIII
1925

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

*Solo los hombres que han sido virtud,
caracter y intelligência merecem el
homenage de los pueblos y el recuerdo de
la posteridad.*

(Rodó — El mirador de Próspero)

*As minhas tias
Isabel e Daria de Mesquita*

Prólogo

Parece desnecessário dizer que para escrever este trabalho não me moveu vaidade nem ostentação.

Uma e outra seriam ridículas, senão condemnaveis, como objectivo de um ensaio desta natureza. Estudando a personalidade e a obra de meu pai, procurei menos que chamar para elle a attenção dos que me lêm, reconstituir, com os elementos que me vieram ás mãos, uma phase curiosa e ainda pouco examinada de nossa história social e política, que é a que precedeu, na então província de Matto-Grosso, os dois grandes movimentos nacionaes que culminaram na Abolição e na Republica.

Basta isso para fazer ver a qualquer espírito malévolo, que sempre e em toda a parte os há, que se trata aqui mais de um trabalho histórico que de uma simples biographia e que em tracejando o perfil moral do meu genitor procurei nelle apenas um factor da equação político-social resolvida pela geração que nos antecedeu naquelle período. De resto, o que há de pessoal neste esboço, longe de constituir motivo de fátua vaidade, poderá servir antes de estímulo. Isso porque, sem falsa modéstia, e sim com sincera franqueza, a vida cuja narrativa se lerá nestas folhas descozidas e singelas como a verdade, é a vida de um homem de humilde condição que se fez pelo seu próprio esforço e o que foi não o deveu a braços de nascimento ou fortunas enthesouradas pelos seus an-

*tepassados, mas tão somente a uma constante e ennobrecedora
força de vontade que permite classifiquemol-o entre os
authenticos self-made men da designação ingleza.*

*E é só. Como justificativa do trabalho parece que o que
ficou dicto basta.*

Cuyabá, 1—8—1923.

J. de M.

Capitulo I

Os antecedentes familiares

O velho Diamantino — Famílias tradicionaes — A
phase áurea da mineração — Alguns dados
genealógicos.

1) Evocar o velho Diamantino é desdobrar aos nossos olhos uma das paginas mais curiosas e suggestivas do nosso passado, fazendo ver, através da vida e dos costumes de outrora, toda uma phase de nossa evolução histórica de que hoje apenas subsistem vagas reminiscências na memória dos coetaneos. A graciosa villa de outros tempos, ora officialmente soerguida á fictícia dignidade urbana, não guarda em si mais que a sombra do seu passado esplendor, como no arcabouço mirrado e esquelético de um ancião mal se lobrigam os traços firmes e bellos da mocidade radiosa que o tempo, na sua faina iconoclasta, faz desaparecer. No entretanto aquella localidade do norte, poeticamente reclinada sobre o Ribeirão do Ouro, foi uma das que mais se avantajaram em fausto e sumptuosidade, nos fins do período colonial e nos primeiros tempos do império, chegando mesmo a exercer sensível influencia nos destinos da província.

Como os grandes centros mineradores que, no dizer de Oliveira Vianna, devem a sua origem á acção co-

lonizadora dos pioneiros paulistas, (1) o arraial do Alto Paraguay surgiu nos começos do século XVIII, devendo-se o seu descobrimento a Gabriel Antunes Maciel, sobrinho do celebre paulista Manoel de Campos Bicudo e seu companheiro nas excursões bandeirantes. (2)

Foi, porem nos começos do século XIX que, graças ao levantamento da prohibição da cata do diamante, o arraial tomou grande incremento, contribuindo também para isso a navegação pelo Arinos e Tapajóz, até ao Pará, que só veio a decahir quando se estabeleceram as viagens pelo Paraguay e Rio da Prata depois de terminada a guerra de 1864—1870 (3).

Como todos os logares que devem a sua vida apenas á industria extractiva, a exemplo do histórico arraial do Tijuco, Caeté, Pitanguy, Sabará e outras cidades mineiras, Diamantino, cessada a actividade mineradora, entrou numa phase de completa estagnação, da qual só conseguiu levantar-se com o commercio da borracha, tendo, com a depreciação desse producto, voltado à decadência em que se achava, sendo hoje contristador o seu declínio cada vez mais accentuado.

2) Data da primeira metade do século XIX, entre 1805 e 1850, o período áureo da villa do Alto Paraguay Diamantino, elevada a essa cathogoria, sob a égide de N. S. da Conceição, pelo alvará de 23 de Novembro de 1820 e installada a 12 de Agosto do anno immediato.

É nessa phase que o histórico Diamantino attingiu ao seu maior desenvolvimento, constituindo-se um dos principaes núcleos de população da província, originando-se dali grande numero das antigas famílias cuyabanas, cujo renome tradicional vai, remontando a cor-

(1) Evolução do povo brasileiro, pag. 83.

(2) Ephemerides Nac. de Teix. de Mello, apud. Estev. Mend., Datas M. Grossenses (I, 164).

(3) V. Corrêa Filho, M. Grosso, pag. 249, E. Mend., Q. Chorog. pag. 109.

rente do tempo, encontrar o seu tronco ancestral na velha villa do Norte, taes como os Viegas, Muniz, Galvão, Prados, e outros muitos.

É ao tempo em que as lavras auríferas prosperam pelos arredores da villa, no Quebó, Água Fria, Rio Preto etc. e importantes propriedades agrícolas se vão desenvolvendo, graças á riqueza circulante, chegando Diamantino a contar vários engenhos, olarias, e outros focos de pequena industria, em franco incremento de progresso, alem de um collegio para educação da mocidade, sob a invocação de “Jesus, Maria e José” dirigido pelo piedoso Fr. José Maria de Macerata.

3) A prosperidade local se estadeava publicamente nas grandes festividades populares da Semana Santa, do Espírito-Santo e da Padroeira, em que á vila affluíam os proprietários circunvizinhos com as famílias, e luzida escravaria, conduzidos em «cadeirinhas», para assistirem as cerimônias religiosas, as «cavalhadas» e representações theatraes.

Era de ver-se, — narram pessoas que, ainda alcançaram os vestígios dessa grandeza extincta, — o luxo que imperava na villa durante as festas: as vestimentas, das mais finas, iam da cidade, feitas a rigor; não se permittia a entrada na igreja senão de preto, em geral de seda ou nobreza lavrada; ricas arrecadas de ouro e diamantes se viam sobre os collos das matronas e gentis moçoilas; enfim, a pompa de uma pequena corte se ostentava naquella villa, nessas festivas occasiões.

A igreja, em que alinda imagem da Virgem da Conceição, orago do logar, occupava o altar mor, era também ricamente alfaiada e ornamentada, possuindo a Padroeira jóias riquíssimas de inestimável valor, doadas pelos seus devotos, e que incentivaram a criminosa cúbica dos vandálicos revolucionários de 1901, que, pondo a saque a inditosa villa, não lhe pouparam sequer o templo, sal-

vando-se apenas a Imagem que encontrou piedoso agazalho em casa particular.

No decennio de 1850 a 1860 já era grande o êxodo de pessoas e famílias gradas que, em demanda á Capital, deixavam definitivamente Diamantino, entrando desde ahí a tornar-se accentuado o declino da outrora prospera localidade nortista.

4) Por volta de 1827 chegava a Diamantino, — então em pleno desenvolvimento e colméia de trabalho fecundo — o portuguez Antonio José da Rocha, nascido na villa de Alboim, filho de Manoel José da Rocha e Rosa Maria da Rocha. Ex-legionário das hostes que, em Portugal, fizeram frente á invasão da península pelas forças napoleônicas, Antonio José da Rocha possuía uma cicatriz na perna que dizia ser de “bala de Napoleão” e, na sua crença rude e sincera, attribuia o não ter sido morto ao escapulário do Carmo que trazia sempre comsigo.

Veio Rocha para o Brasil em 1808, na tropa que acompanhou o rei D. João VI, tanto que narrava, com muito chiste, que, por ocasião do desembarque do monarcha no Rio de Janeiro, aos vivas a D. João VI! que soltavam o populacho e a força confraternizados, accrescentavam, á socapa, os gaiatos: viva o rei D. João dos beijos! allusão satyrica aos lábios leporinos dos Braganças, que no filho de D. Maria I mais ainda se evidenciavam.

Depois de servir durante cerca de dez annos no Rio de Janeiro, veio Rocha para Matto-Grosso em companhia de Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, último dos Capitães-generaes, nomeado pela C. R. de 7 de Julho de 1817 e que se empossou no seu cargo a 6 de Janeiro de 1819. Esteve não só na guarnição de Cuyabá, como nas de Albuquerque e Forte de Coimbra, chegando a galgar o posto de Alferes; mas, resolvendo deixar a milícia, attrahido, talvez, pela fa-

ma de que então gosava Diamantino, para lá se dirigiu, fixando a sua residência nessa Villa, onde, em 1830, se casou com a cuyabana Anna Maria Ramos e Costa, filha do seu patrício o abastado proprietário do engenho do Quebó, 14 léguas distante da villa, José Joaquim Ramos e Costa. Ali esteve Rocha trabalhando algum tempo, até que veio a estabelecer-se com chácara e olaria, nas cabeceiras do Ribeirão do Ouro, e por ultimo, na villa.

Grandemente perseguido no movimento nativista de 1834, conhecido pelo nome de “Rusga”, que no Diamantino, como em Cuyabá, degenerou nos mais lamentáveis excessos, conseguiu Rocha escapar quasi miraculosamente á sanha encarniçada dos seus ferrenhos inimigos, tendo visto perecer muitos dos seus patrícios.

Resolveu então dispor da sua chácara e passar os seus últimos annos na villa, onde abriu um pequeno negocio. Veio a fallecer a 10 de Maio de 1847, tendo tido do seu consorcio quatro filhos: Maria Rita, n. em 23 de Maio de 1831, Manoel, n. em 14 de Dezembro de 1833 e fallecido em 5 de Março de 1849, Antonia Florência, n. em 7 de Novembro de 1835 e Benedicta Petronilha n. em 31 de Maio de 1842.

Antes do seu fallecimento fez Rocha casar a sua primeira filha, a 27 de Abril de 1847, com o diamantinense Barnabé de Mesquita Muniz, nascido a 14 de Janeiro de 1818, filho de José Soares Muniz e Maria Joaquina da Silveira, e descendente pela linha paterna dos Soares Muniz de São Paulo, família que desempenhou importante papel no período das incursões bandeirantes pelos sertões do Brasil central (4).

Era Barnabé de Mesquita Muniz homem de regular instrucção e relativa cultura para o meio em que viveu, tendo desempenhado vários cargos públicos, occupan-

(4) Vide L. Gonzaga S. Leme — Genealog. Paulistana, II, pg. 148 e VI, pg. 19.

do muitos annos as funcções de Commandante Superior da Guarda Nacional da Villa, attingindo até o posto de Capitão dessa milícia.

Dedicou a sua actividade durante os primeiros annos ao commercio, tendo emprehendido quatro viagens ao Rio, por terra, via Goyaz, em 1847, 1849, 1851 e 1852.

Homem dotado de intelligência e muito activo, bem relacionado na capital do paiz, onde se hospedava em casa do Conde de Ipanema, seu amigo e correspondente, Barnabé não foi entretanto, feliz nos negócios, deixando-os para entregar-se aos trabalhos forenses, como solicitador e, por fim, abriu uma botica, onde, guiado pelo seu amigo Dr. Medardo Rivani, teve seu templo e officina de labor até a época da sua morte.

Immensamente dedicado á família e ao trabalho, exgottou-se cedo aquella vida que poderia ainda muito de útil produzir para os seus, deixando-os quasi desprovidos de recursos, a luctar com sérios embaraços, como passaremos a ver no capitulo immediato.

Capitulo II

Nascimento e infância

Primeiras difficuldades — Os estudos primários — A carreira commercial — Planos de futuro

5) Foi em tal meio e em tal época que, a 7 de Março de 1855, nasceu José Barnabé de Mesquita, terceiro filho do casal Rocha — Mesquita, cujos antecedentes familiares ficaram esboçados no capitulo anterior.

Antes d'elle tiveram Barnabé de Mesquita Muniz e a sua esposa duas filhas, Anna Maria e Izabel, nascidas em 1848 e 1852, seguindo-se-lhe ainda dois outros, Herculano e Daria, cujos nascimentos occorreram em 1857 e 1860, respectivamente.

Não teve a cercar-lhe o berço nem a fortuna fácil dos que se encontram ao nascer possuidores de avultados haveres, nem o lustre de posições elevadas, muito de molde a envaidecer os espíritos, arrastando-os á indolência e á ociosidade; antes, como que a Providencia, predestinando-o ao trabalho e às luctas mais árduas, quis desde logo retirar-lhe o amparo do braço paternal, único arrimo daquella família relativamente numerosa e desprovida de recursos de subsistência.

Orphão de pai aos seis annos, pois o Cap. Barnabé falleceu em consequência de uma asthenia medullar, a 14 de Agosto de 1861, encontrou, felizmente, o pequeno José na pessoa de sua mãe o mais vivo e edificante exemplo

de trabalho e dedicação e, na escola de um lar plasmado nas mais santas virtudes christans, aprendeu cedo esses nobres ensinamentos de honradez e actividade que constituiria, por assim dizer, a directriz superior e o *leit motiv* de toda a sua curta e afanosa existência.

A sua família viu-se, com o desaparecimento prematuro do chefe, a braços com grandes embaraços, determinados em parte pelos compromissos a solver e, ainda mais, pela falta da direcção experimentada daquelle que a vinha orientando com raro tino e prudência.

D. Maria, porem, era uma dessas heroínas anonymas do lar, uma dessas mulheres cujo coração parece blindado do aço mais puro da energia, e, viúva aos 30 annos, soube arcar sozinha com a responsabilidade tremenda da educação de uma prole numerosa, da qual a filha mais velha tinha apenas 12 annos de idade.

Revestida da coragem das antigas matronas, não obstante a sua pouca idade, enfrentou resoluta as difficuldades que se lhe antolhavam, e conseguiu galhardamente levál-as de vencida, auxiliada pela natural boa índole dos filhos, nos quaes encontrou os melhores collaboradores da dura tarefa que Deus lhe commetera.

6) Em março de 1862, com 7 annos de idade, o pequeno José entrou para a escola do professor publico Manoel Sergio da Costa, na qual logo manifestou o seu pendor decidido pelos estudos, fazendo, em pouco tempo, notáveis progressos, tendo concluído com distincção o curso primário, cujo programma era assaz resumido.

Por essa época chegou á villa um sacerdote moço e instruído, nomeado coadjutor do Vigário Manoel Ignatio Pereira de Mesquita, e com elle começou José a estudar o latim, tendo para isso se empenhado seriamente com sua mãe, que conseguiu collocar-o gratuitamente no curso, dada a sua escassez de meios pecuniários.

Em casa, nos poucos livros da reduzida bibliotheca

paterna, procurava o menino ir haurindo novas acquisições mentaes, na sede insaciável de saber que caracterizava sua organização psychica, e a sua applicação já fazia prever no pequeno orphão do Diamantino o moço estudioso e infatigável cuja vida seria um esforço constante, no probro afan de garantir-se e á sua família contra os rudes embates do mundo.

Adolescencia-lhe com os annos o gosto pelo trabalho e emquanto outros fazem dessa idade sorridente e feliz um período de folguedos despreoccupados, o jovem José, cuidando já do futuro dos seus, se punha a escripturar em casa do professor, sem vantagem alguma, pelo simples desejo de adquirir o necessário tirocínio que lhe proporcionasse encarrear-se no commercio.

7) Entrou, com cerca de 12 annos, de caixeiro em casa do negociante Jesuíno de Souza Oliveira, onde algum tempo trabalhou, com mui parca remuneração, e da economia que poudo fazer naquelle emprego montou uma pequena casa de negocio, a principio junto mesmo á moradia da família e depois aparte, chamando, então, para auxilial-o o seu irmão Herculano, que antes andara trabalhando em vários sítios dos arredores, como Água Fria, Rio Preto, Piraputangas e outros.

Herculano, porem, tinha um temperamento muito diverso do irmão, aprazendo-lhe mais essa vida erradia de viagens, e não lhe sorrindo a perspectiva de uma existência sedentária e estável, tanto assim que empreheendeu, em 1876, com 18 annos de idade, a arriscadíssima viagem ao Pará, em canoa, voltando ao cabo de seis longos mezes de penosa ausência.

Dessa viagem narrava elle interessantes episódios que illustram ao vivo, as descripções feitas pelos denodados excursionistas que, como Florence, Bossi e outros, se animaram a tão difficil empreza, deixando, nas paginas dos seus curiosos livros, impressões originaes e observações valiosíssimas acerca da zona palmilhada.

Entre outras passagens inéditas das viagens dos *paranistas*, que era como se chamavam os negociantes de guaraná, tocari e outros produtos do Norte, contava Herculano ter lido gravado em um tronco de madeira estes versinhos mordazes que estereotypam bem o período de que essas incursões se revestiam:

Abaixo do Nhambiquara,
Acima do tapanhuma, (5)
Belizário ficou tremendo
sem ter moléstia nenhuma.

8) Entrementes, prosseguia José a sua carreira commercial na villa, mas já o seu espírito activo e emprehendedor lobrigava-lhe novos horizontes á acção, pois Diamantino entrava em franca decadência, dado o êxodo das principaes famílias para a Capital, achando-se em declínio a mineração e a própria lavoura e pequena industria das cercanias.

Em mais de uma viagem que, a negocio, fizera a Cuyabá, conseguindo estabelecer excellentes relações com as casas de maior renome da época, principalmente a de Martim Guilherme, pesára o moço diamantinense a vantagem que lhe adviria em transportar-se com todos os seus da sua villa natal para a cidade, onde um futuro melhor e mais brilhante lhe sorria.

Esses projetos foram esbarrados pela morte de Herculano, occorrida a 28 de Fevereiro de 1877, como empregado da casa M. Guilherme, facto que veio encher de intensa amargura o coração extremamente carinhoso do seu irmão, fazendo-o como que modificar os seus planos de vida e enchendo-o de profunda magoa e desalento.

Uma carta dirigida á sua mãe a 25 desse mez, depois de detalhada narrativa da moléstia de Herculano,

(5) Tribos indígenas do sertão do Norte.

que foi uma meningite de forma aguda e marcha célere, se encerra com estas phrases de desanimo: “Si havemos de soffrer aqui, sofframos no matto... Muito me entristece ver que minhas Irmans tem tanta vontade de mudarem-se para cá e eu não obrar dessa maneira. Comtudo, resignemo-nos. Lembrem-se também do axioma de Monte-Christo: ter fé e esperar. Volto para lá, vamos trabalhar e aos trabalhadores Deus sempre ajudará,”

E, dois dias depois, noticiando já a previsão do traspasse de Herculano, em phrases amaríssimas diz:

“Viveremos reunidos nessa Villa.

Aqui tudo para mim é sinistro e pavoroso. Virei por aqui por necessidade, mas de mudança não pretendo...”

Essa completa reversão de idéas se explica pelo rude golpe que fôra para elle a morte inesperada e prematura do irmão querido, a quem, no anno anterior, ainda escrevia do Diamantino nestes termos:

“Eu estou bom de saúde, porem muito aborrecido, porque esta villa vai decahindo muito...” (carta de 1—10—1876) voltando a dizer em 12 de Novembro, em carta ao mesmo:

“Eu não ando muito contente com o estado actual das cousas nesta localidade. Si não melhorar não sei em que irei parar...”

E, em data de 28 de Dezembro desse anno, escrevia á sua mãe, dizendo do seu propósito de ficar em Cuyabá, como empregado dos Snrs. M. Guilherme & Cia.

“Sinto bastante ter de ficar nesta cidade, porque não tenho queixa do povo diamantinense, mas o commercio ahi está muito decadente...”

Dessa intenção, como vimos, veio disuadir-o o fallecimento de Herculano, volvendo elle a Diamantino onde permaneceu, negociando, ainda cerca de 3 annos, até que, firme na sua antiga resolução, em fins de 1880 — 9 de Novembro — realizava sua grande aspiração de mudar-se com a família para

Cuyabá, onde chegou com 7 dias de viagem, a 15 do mesmo mez, conforme consta da seguinte nota do seu Diário, escripta a 18 daquelle mez e anno.

“No dia 15 do corrente, ás 7 horas da noite, cheguei a esta cidade com toda a minha família, graças a Deus. Tendo sahido do Diamantino no dia 9, levamos 7 dias inclusive de viagem.”

Estava aberto o caminho para a realização dos seus sonhos e dado o primeiro e decisivo passo para a carreira que elle tanto desejava seguir.

Capitulo III

Cuyabá no período de 1880 — 1890

O meio e a gente — Os problemas em foco — A imprensa — A política

9) Não é fácil tarefa reconstruir, com os dados que já se vão tornando escassos, o ambiente social e político de Cuyabá, na década de 1880—1890, phase em que José Barnabé de Mesquita exerceu a sua actividade intensa, identificando-se com os grandes ideaes que alentavam os sonhadores nesse período agudo da vida nacional, do qual deveriam surgir, solucionados por dois golpes de surpresa, os magnos problemas da nossa igualdade civil e da nossa liberdade política — a abolição e a republica.

Ao abrir-se este fecundo decennio, cujo estudo se afigura dos mais curiosos no que concerne á nossa evolução político-social, achava-se a administração da província confiada ao coronel Rufino Enéas Gustavo Galvão, barão de Maracajú, nomeado por C.I. de 9 de Outubro de 1878 e empossado a 5 de Dezembro do anno seguinte. Cabia a orientação política ao partido liberal, que estivera afastado do poder toda uma década, desde a constituição do ministério Itaborahy (16—7—1868), tendo voltado á direcção partidária em 5—1—de 1878 com o gabinete Sinimbú.

Ao Barão de Maracajú, si outros factos não o tivessem notabilizado no governo, bastar-lhe-ia ter sido o fundador do Lyceu Cuyabano, creado pela lei prov. n. 536 de 3—12—1879 e installado a 7 de Março do anno seguinte, para constituir-se digno de benemerência do nosso povo, attento o elevado alcance que para a instrucção publica representa a fundação daquelle importante estabelecimento de ensino. A instrucção, de resto, mereceu a Maracajú desvelos especiaes, tendo-a reformado pelo Reg. de 4—3—1880, sob moldes novos, dotando-a de uma serie de medidas efficazes e opportunas.

O Barão de Maracajú deixou o Governo a 2—5—1881, passando ao Vice-presidente Tent. Cel. José Leite Galvão. Nos nove annos decorridos de 1880 á adhesão á Republica, em 9—12—89, governaram a então Província de Matto Grosso, alem do já citado Maracajú, e dos Vice-presidentes, em varias interinidades, 8 presidentes, que foram, na ordem chronologica: Cel. José Maria de Alencastro (1881 a 1883); Barão de Batovy (1883 a 1884); General Floriano Peixoto (1884 a 1885); Dr. Joaquim Galdino Pimentel (1885); Dr. Álvaro Rodovalho Marcondes dos Reis (1886 a 1887); Cel. Francisco Raphael de Mello Rego (1887 a 1888); Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira (1889) e Cel. Ernesto Augusto da Cunha Mattos (1889—de 9—8 a 9—12) com quem se encerrou a serie dos Presidentes de Província, sendo 33.

10) A política provincial girava, como, aliás a de todo o paiz, em torno da hegemonia disputada e obtida, successivamente, ora pelos conservadores, ora pelos liberaes, que tinham como organ na imprensa “A Situação” e a “Província de Matto Grosso” onde se esgrimiam as pennas mais autorizadas da época.

As vagas aspirações democraticas e abolicionistas que no decennio anterior quasi não se atreviam a um

pronunciamento definido entram a corporificar-se, a tomar vulto, surgindo, ora através de clubs que se organizavam para a lucta, ora nas columnas de jornaes em que, ainda veladamente, as primeiras vozes de propaganda começam a se fazer ouvir.

11) No que se refere ao desenvolvimento intellectual é também grande a influencia exercida por essa phase que se pode dizer caracteriza entre nós o surto e a plena expansão da escola romântica nas letras, timidamente ensaiada na década anterior, com A. Pulcherio, mas que se affirma com mais nitidez e precisão depois de 1880, pelo estro de José Thomaz, Luiz Theodoro, Flavio de Mattos, João Marciano, alem dos extranhos acclimados na província, como Calhau, A. J. de Carvalho e Ulhôa Cintra (J. R.)

Surgem e prosperam as sociedades de letras, á guisa do “Club Literário” (1882) que manteve um órgão na imprensa, e da Associação Literária Cuyabana, fundada a 11—10—1885, que tão decisiva influencia na cultura geral da mocidade exerceu com as suas “palestras literárias” e, sobretudo, a sua excellente Bibliotheca, notável para o meio e a época em que se fundou.

Pode-se dizer que, a par da criação do Lyceu, foi a fundação da A. L. C. o facto principal no domínio da evolução intellectual da Província no decennio de 1880 a 1890.

Fóra do puro belletrismo, vários talentos se deparam, norteados para a oratória parlamentar, para os estudos humanistas, para a cathedra, para o jornalismo combativo, sendo de citar-se um Ramiro, um Augusto Fleury, um Caetano de Albuquerque, um P. Sampaio, um A. Corrêa da Costa então ensaiando os primeiros vôos, um P. Ernesto, um Catilina, e vários outros.

A vida commercial da província, si bem que a braços com o eterno e até certo ponto hoje ainda insolucionado problema dos transportes e communicações, era

relativamente grande, permitindo, numa época e num meio como aquelle, a existência de casas de primeira ordem, tanto na capital como em Corumbá e Villa Maria, os principaes focos da vida econômica de Matto Grosso.

12) Si se encarar a então Província sob o aspecto social, analysando-a, á luz dos depoimentos de *touristes* que por aqui passaram nesse período (1880 a 1890) ou mesmo dos jornaes coevos, ver-se-á quão intensa já era então a vida mundana, sobretudo em Cuyabá, onde havia em franco desenvolvimento, varias sociedades dançantes e recreativas, sobrelevando notar as duas denominadas “Terpsichore Cuyabana” fundada em 18 de Agosto de 1883, e “Recreio Cuyabano” alem de outras de ephemera duração.

Não se cingia, porem, aos bailes a vida social de Cuyabá naquella época — havia as grandiosas festividades religiosas, que culminavam na festa da Semana Santa, descriptas ao vivo na pinturesca narrativa que faz na sua interessante obra *Durch Central Brasiliens, Leipzig, (1886—)* o Prof. Karl Von den Steinen.

Verdade seja que a paixão pela dança, o gosto dos bailes já se notava, tendo mesmo determinado esse facto que, no seu interessante livrinho “Lembranças de Matto-Grosso” — dissese D. Maria do Carmo, esposa do Gal. Mello Rego — “É indescriptivel a paixão que em Cuyabá ha pela dança. Todo o baptisado, anniversário ou casamento tem baile, por força, e triste de quem não se pode dar ao luxo de uma alvorada de musica militar.”

Parece que, nesse assumpto, não temos progredido muito, sendo maior e mais notável relativamente a vida mundana e social de Cuyabá ha annos atrás, tendo contribuído, talvez para certo ou qual arrefecimento nos vínculos de sociabilidade o extremado partidarismo que caracteriza a phase ultima do advento da Republica até os nossos dias.

É bem de ver-se que apolítica no antigo regimen era ardosa e até certo ponto violenta, espelhan-

do-se através dos jornaes coetaneos que lhe reflectiam as tendências, mas, felizmente, a não serem factos isolados e pessoas de pequena repercussão, a lucta se travava toda no terreno da imprensa, intensificando-se nos prélios eleitoraes, sem quebra de relações de família, como se dá desde que foi implantado o regimen das revoluções fratricidas, que, em numero de quatro, já ensangüentaram a infeliz terra mattogrossense.

Tal era, no decurso do ultimo decennio monarchico, esboçada em largas pinceladas, a situação moral, material e política da Província e, particularizando, de sua capital, — scenário a que o jovem diamantinense, propellido pelo seu ideal de estudioso, se ia atirar, consagrando-lhe dali por diante e até o fim da sua existência o melhor de suas energias vitas.

Capitulo IV

O estudante do Lyceu

Operário de iniciação — Preparo para a advocacia — Novos encargos e projectos

13) Muito antes de realizar o seu almejado projecto da mudança para Cuyabá já José Barnabé de Mesquita traçara, no seu Diário, — que é uma synopse da sua vida, dos seus planos de futuro e dos seus negócios — as seguintes linhas:

«Tenho imaginado que ficará mais conveniente para todos nós passarmos para Cuyabá e não negociarmos lá. Minhas mãe e irmans, morando juntas comigo, na pequena casa que lá tenho comprado, cuidarão nos arranjos domésticos. Eu estudarei no Lyceu os preparatórios sendo ao mesmo tempo solicitador ou advogado provisionado.» (Diário, 13 de Julho de 1880).

A 12 de Agosto desse anno reaffirmava elle as mesmas resoluções:

“Estabelecido em Cuyabá, me matriculei no Lyceu e prosseguirei nos estudos de preparatórios...”

O mesmo propósito, radicado no seu espírito, transparece ainda da “nota das necessidades que terei de preencher em Cuyabá,” em 7 de Outubro do mesmo anno.

I^a) Informar-me quaes são as condições de matricu-

la, freqüência e regra para os exercícios escolares do Lyceu, segundo esteja determinado no regimento interno”.

Amadurecido como se achava no seu espírito esse propósito, deu se pressa Barnabé logo ao chegar em realizal-o, revelando ainda nisso aquella extraordinária força de vontade que fez da sua vida o desenvolvimento lógico e conseqüente de um programma preestabelecido na sua mente.

14) Temol-o, depois, em Cuyabá, alumno do Lyceu, continuando entretanto, com o commercio por conta própria, que logo emfins de 1881 deixou para occupar-se exclusivamente na casa do Sr. Martim Guilherme, tendo para ella entrado, com o ordenado de 50\$ mensaes, em 23—2 desse mesmo anno. Preparava-se nas horas de que dispunha, sobejas do estudo e dos serviços, para a advocacia — que era o seu sonho predilecto e a tendência innata, pode-se dizer, do seu espírito rectilineo de jurista.

O que foi a sua vida durante os primeiros annos de Cuyabá, dil-o ainda o seu Diário, curiosa fonte antobiographica em que melhores subsídios pude colher para o estudo da sua psychê, revelada a nú e sem rebuços naquellas paginas sinceras e quasi confidenciaes.

É typica, entre outras, a nota lançada a 6 de Outubro de 1882, nestas palavras apenas:

“Meu Deus ! Não é senão de vós que me poderá vir a coragem na vida de estudante que preciso supportar durante muito tempo.

Fazei-me meu Deus, a graça de permittir que eu possa conservar-me desperto todos os dias até ás 11 horas da noite.”

O organismo cansado da lucta desde a infância emprehendia, sem tréguas ou vacillações, pedia, como é natural, o repouso necessário, mas elle apellava para o seu moral, e, na crença robusta que sempre foi um dos esteios da sua fortitude, invocava a Divindade

em seu favor, nessa curta e incisiva prece de uma alma profundamente religiosa.

15) Como si fosse ainda reduzida a carga formidável de trabalho que sobre seus hombros pesava, compromette-se a leccionar no Collegio do P. Aureliano Pinto Botelho a cadeira de Arithmetica, a partir de 11 de Dezembro de 1882, a razão de 15\$000 mensaes.

Nesse anno de 1882 outros projectos entram a adejar-lhe a mente, entre os quaes o de seguir para São Paulo, terminados os seus preparatórios, afim de cursar a Faculdade de Direito.

Em 28 de Setembro desse anno transmittia elle ao seu mudo confidente, ao seu Diário, essas resoluções:

“Penso que poderei passar muito bem sete annos em S. Paulo, estudando o Direito”.

E a 23 de Outubro, accrescentava:

“Tenho contractado com o Sr. Martim Guilherme que elle fornecerá mensalmente a quantia de 60\$ afim de em 1º de Fevereiro de 1883 embarcar-me para S. Paulo a continuar meus estudos subseqüentes de preparatórios e jurisprudência”.

Taes planos, porem não quis Deus que se realizassem, dando orientação diversa aos seus negócios futuros e Barnabé continuou em Cuyabá, donde só sahiu uma vez em 1887, para Diamantino, quando a alarmante noticia da aproximação do *Cholera morbus* trouxe apavorada a população da cidade.

O seu curso no Lyceu não o privava, entretanto, no seu extremo amor à leitura, de illustrar o espirito com o cultivo de bellas letras, de que se revelou assíduo amator, firmando a sua preferênciã pelos estudos clássicos, nomeadamente o latim, a rhetorica e a philosophia.

Desta ultima disciplina requereu e obteve do Bispo D. Carlos, seu grande amigo, permissão para freqüentar,

como ouvinte, as aulas do Seminário Episcopal (petição de 25 de Fevereiro de 1883).

Partilhando assim o seu tempo entre o estudo e o trabalho, não descansava o seu espirito methodico e infatigável, e a sua existência era um continuo labor, no empenhado afan de conseguir ideaes de bem estar e progredimento material para a sua família, á qual foi sempre em extremo dedicado, e da qual jamais se separou, mesmo depois do casamento, senão com a morte.

Capitulo V

O advogado

O Solicitador e o provisionado — O sens du metier — A noção da advocacia

16) O dia 2 de Junho de 1884 representa uma ephemeride notável na vida de José Barnabé de Mesquita, pois nessa data prestou elle exame de sufficiencia afim de obter a sua provisão de advogado, objectivando-se desta arte um dos mais almejados ideaes de sua mocidade.

Noticiando esse acontecimento que lhe abriu as portas da profissão para a qual elle parecia possuir a mais lidima vocação e o pendor mais accentuado assim se exprimia, em 8 do mesmo mez e anno, “A Situação”:

“No dia 2 do corrente, ao ½ dia, prestou exame de sufficiencia perante o Exmo. Snr. Conselheiro presidente da Relação, afim de obter provisão para advogar, o intelligente e estudioso sr. José Barnabé de Mesquita e foi aprovado plenamente. Foram examinadores os senrs. advogados Major João Maria de Souza e Tenente Antonio de Paula Corrêa. Concluído o acto, o sr. Barnabé convidou todas as pessoas presentes para acompanhá-lo á sua casa e tomarem um copo de cerveja. Enviamos-lhe os nossos sinceros cumprimentos pelo

modo brilhante pelo qual provou a sua aptidão e fez luzir a sua robusta intelligência, desejando-lhe mil propriedades na nova e nobre carreira que vai encetar”.

Na data, porém, de 1884 o seu ingresso na carreira de advogado, pois desde 1881, anno em que chegara á capital mattogrossense, vinha trabalhando como solicitador, tendo a sua primeira provisão, expedida pelo Juiz de Direito interino Dr. José Caetano Metello, a data de 18—3 daquelle anno.

Em 1888 e 1892 renovou, perante o Presidente da Relação, a sua provisão, por espaço de 4 annos, (6) exercendo o *munus* advocatório sempre, com dedicação e zelo, identificando-se com as questões que lhe cabia patrocinar.

Advogava também perante o Juízo ecclesiástico, quer no foro gracioso, quer no contencioso, tendo requerido e obtido provisão do Bispo diocesano D. Carlos Luiz d'Amour em 24—3—1885.

Concomitantemente ao exercício da afanosa profissão, desempenhou o cargo de auditor de Guerra da comarca de Cuyabá, em 1887, (7) sendo louvado pelo Comte. interino Cel. Antonio José da Costa, ao deixar o seu cargo (8).

17) O seu gosto pela advocacia, a sua paixão pelo direito, o *sens du metier* que elle possuía no rigor da palavra, jamais o abandonou, pois alvorecera em seu espírito adolescente desde quando, na sua villa natal, contemplando as injustiças do mundo, com revolta, se propuzera collocar-se sempre do lado dos fracos e opprimidos, tendo feito ali duas bellas defesas perante o jury, coroadas de êxito.

Das suas notas forenses, que restam no archivo em

(6) As duas primeiras provisões, de 1884 e 1888, são subscriptas pelo Conselheiro Gomide, e a ultima pelo Dr. José Maria Metello. A primeira se acha registrada no 1º livro do Registro de títulos, Tribunal da Relação, pg. 44 v.

(7) Nomeação do Pte Ramiro de Carvalho, em acto de 21—4—87.

(8) Off. de 5—9—87.

meu poder, se deprehe de quanta dedicação e solicitude punha no defender a causa justamente dos desamparados da sorte e dos desprotegidos da fortuna, elevando assim a sua nobre profissão ao seu nível muito acima das cogitações meramente mercenárias e especulativas em que muitos a tem collocado.

Essas “notas forenses”, que constituem um interessante subsidio para o estudo da sua carreira na advocacia, occupam três cadernos in *folio* e revelam o empenho com que elle acompanhava o andamento dos feitos que á sua defesa eram confiados. Começava pelo desenvolvimento dos pontos para o exame de advogado, com data de 23 de Fevereiro de 1884, curiosa coletânea de estudos jurídicos denotadores de muita leitura dos mestres da processualística reinicola e nacional. Seguem-se-lhe, em forma de diário, apontamentos curiosos acerca do andamento dos processos, nomes de constituintes pequenos verbetes e nótulas incluídos aqui e ali, como para avivar a lembrança sobre os serviços em perspectiva.

Ao lado de innumerables questiúnculas de habilitações, supprimentos de idade, cobranças de dividas de espólios, liquidações amigáveis ou judiciais, termos de bem viver, avultam feitos importantes cujo patrocínio fora entregue á sua perícia de profissional. v. g. a questão do Cor. Joaquim José Paes de Barros versus Francisco Viera de Almeida, cujas notas lhe tomam innumerables folhas e á qual se dedicou com especial cuidado, tendo a esse fim ido até a “Conceição”, de propriedade do seu constituinte, afim de trazer dados necessários ao desenvolvimento do seu trabalho.

18) É que a advocacia era nas suas mãos um *munus* sagrado, um sacerdócio, uma elevada missão social, pois o seu temperamento não lhe concedia ver na profissão que abraçou mero ganha—pão material e o seu character jamais permittia lançasse mão dos

ardis da chicana em que se comprazem os cavilladores e sophistas de todos os tempos.

A mesma honorabilidade que o fazia pautar todos os actos da sua vida publica e privada pela tarefa única do Dever e da Virtude o guiava no exercício de sua nobilima profissão, podendo-se lhe applicar o conceito que a respeito dos patronos expendia o Direito Romano, na const. 14 *De advocatis* (II,7), nos termos seguintes: “Nec enim solos nostro imperio militare credimus illo, qui gladiis, clypeis et thoracibus nituntur: sede ti um advocatos militant namque patroni causarum, qui gloriosae vocis confisi minimé, laborantium spem, vitam, et posteros defendunt.”

A religiosa firmeza com que sempre honrou a sua palavra, nos compromissos mais triviaes, a modicidade na cobrança dos honorários, a excessiva tolerância para com os pobres, para muitos dos quaes trabalhava gratuitamente, grangearam-lhe dedicações e affectos que ainda hoje subsistem, reflectindo-se na pessoa dos seus queridos, e, mais do que isso, um conceito, uma reputação tal que constitue, por si só, o melhor patrimônio que elle poderia legar aos descendentes que lhe herdaram o nome illibado.

É o que fez, ainda ha pouco, um ex-escrivão que com elle serviu, entre 1888 e 1890, dizer-me, convicto, que “há Advogado e advogado... Destes ha muitos por ahi, mas daquelles... conheci um, que não fazia da profissão um negocio, e sim um caso de consciência.”

Capitulo VI

O jornalista

Primeiras incursões na imprensa — Os temas preferidos — A sua actuação jornalística

19) As primeiras incursões do meu pae no jornalismo datam de 1881, anno seguinte áquelle em que chegou a Cuyabá, tendo continuado assídua e ininterruptamente a colaborar nos jornaes da terra em todo o período que decorre de 1881 a 1892, época do seu prematuro fallecimento.

Filiado que era ao antigo partido conservador, no antigo regimen, não obstante as suas conhecidas e sempre externadas idéas republicanas J. B. de Mesquita deu a sua preferênciã á “A Situação”, orgam official do mesmo partido, para a publicação dos seus interessantes e variados trabalhos quasi sempre versando acerca de assumptos geraes e de interesse collectivo.

Raro escolhia os seus temas entre os devaneios da ficção literária, sendo lhe sempre de maior predilecção as graves e superiores cogitações focalizadas nos problemas que n’aquelle período apaixonavam e prendiam a attenção nacional.

Transparecia-lhe, dest’arte, através dos artigos traçados na linguagem tersa e clara dos escriptores que fazem da dialética a sua arma preferida, o enraizado amor ao estudo de nossas cousas, de nossa historia e de

nossa evolução político-social, podendo se affirmar ser este ultimo o thema preferido dos seus trabalhos de imprensa.

Dotado de fácil e expontaneo estylo, em que se não descobrem torturas de forma nem tampouco resvala até o desleixo da phrase mal cuidada, alliava a essa virtude natural dom de observação que lhe trazia sob a retentiva mental acurada factos e acontecimentos passados, num desdobrar lógico de cerradas argumentações a procurarem, através de concatenações syntheticas, o objectivo visado nos seus escriptos, quasi sempre uma licção para o presente ou uma advertência para o futuro.

Lêde este tópicõ demonstrativo do que vai acima dicto: “No principio deste século era animadora a situação desta província, então uma das capitánias do Brasil; as minas dos districtos de Cuyabá, Matto Grosso e Diamantino estavam no maior grau de prosperidade que antingirão; nesse tempo, colônia portuguesa, o nosso solo enriquecia exclusivamente naturaes do paiz e portugueses, pois poucos súbditos de outras nações aqui entravão. O trafico dos africanos concorria para nos dar trabalhadores: centenas dos descendentes de Cham entravão nesta capitania e iaõ trabalhar nas minas; grande parte delles succumbia victima de mãos tratamentos e da nostalgia, mas a parte que sobrevivia alimentava o trabalho da mineração principalmente e poucos erão empregados na agricultura, pouco vantajosa naquelles tempos.

Até 1831 a população da província tendia a augmentar-se, mas a extincção do tráfico, trazendo como consequência immediata a diminuição dos trabalhos de mineração até quasi o seu completo abandono, veio marcar o ultimo termo do augmento rápido da nossa população. Os districtos de Matto Grosso e Diamantino que floresciaam por causa de suas ricas minas de ouro e de diamantes decahirão com o abandono dellas.

Cuyabá si não ganhasse em 1820 a preeminência de capital da província teria sem duvida decaído como Matto Grosso e Diamantino. Abandonadas as minas por falta de braços ficou a província com a população entrada antes de 1831, população que pouco se tem augmentado com alguns portugueses e italianos que vierão se empregar no commercio.

A fortuna adquirida pela mineração foi empregado no commercio de compra e venda de mercadorias estrangeiras.” (9)

Attentae agora neste outro trecho de estudo acerca da immigração:

“A colonização africana — asiática tem sido demonstrada como desvantajosa a muitos respeito para o Brasil: o africano entre nós não passará de machina, tal como tem sido, e fará reaparecer em nossa população os costumes e as crenças peculiares; o asiático, mais propenso aos prazeres e á molleza que ás preocupações sérias, viria aqui alimentar as detestáveis inclinações do povo e aniquilar as boas.

A colonização anglo ou germânica operária em Matto Grosso uma completa transformação; daria vida ás nossas vastíssimas florestas, aproveitaria a riqueza natural do nosso solo, nos incitaria, pela emulação, ao trabalho e o progresso entre nós deixaria de ser uma van sombra de probabilidade e se encarnaria em realidade positiva”. (10)

É, seguramente, uma linguagem nova, em estylo forte, persuasivo, abordando assumptos a que pouco se affeiçoavam os jornalistas da época, atirados antes de preferência ás polemicas de partido, ás rudes adjectivações contra os Ministérios adversos e á analyse apaixonada das situações políticas contrárias.

(9) A Sit. de 18—11—1883

(10) A Sit. citada, 18—11—83

Aqui o vereis a enumerar em ligeiro escorso as riquezas naturaes da província que, no seu dizer, nos promettiam “um auspicioso futuro si não continuarmos de todo inactivos quanto ás industrias agrícola e fabril;” (11) mais alem accentua que “o principal motor da riqueza e da felicidade de um povo está na força productiva do seu solo;” e para justificar a sua assertiva lembra a grandeza colonial da poderosa Inglaterra (12) numa bella pagina retrospectiva; e, ainda mais adiante, vel-o eis preocupado com a educação moral e a religiosa da infância, tecendo ligeiras considerações acerca de um sermão do Bispo D. Carlos que ele resume em duas columnas de jornal, concluindo por estas palavras: “nada de tropos e figuras atrevidas; era um pai fallando a seus filhos: Educate filios vestros in doctrine et correctione Domini.” (13)

21) Bem caracterizada ahi fica a sua tendência de fazer do jornalismo o nobre vehiculo dos seus alevantados ideaes, não tendo jamais, por índole e critério pessoal, descido a prostituir a sua penna ao serviço mercenário da politica, daquella *má política, a política antipolitica, a política dos violentos e dos incapazes* a que alludiria mais tarde Ruy Barbosa numa das suas memoráveis peças oratórias.

Claro está que com taes processos não lhe sorriria a fácil fortuna que coroa os malabaristas e equilibristas da imprensa partidária e mesmo jamais lograria impressionar a grande massa, habituada sempre a preferir as diatribes, as satyras pessoaes e virulentas, em que Arentino se compraz, á serenidade dos themas cuja magnitude soe ser apreciada apenas por uma elite intelectual e reduzida de leitores.

Dahi a sua nenhuma popularidade na imprensa con-

(11) O Espectador, de 15—1—1885

(12) Idem, de 5—2—1885

(13) Idem, de 6—3—1885

temporanea, que sagrou nomes menos representativos pelo simples facto de se evidenciarem através das verrinas e dos epigrammas mordazes tão ao sabor da nossa gente: é aliás, um facto de todos os tempos e não vai nisso desaire para o nosso povo, attendendo-se a que se trata de um phenomeno generalizado de psychologia, e ao qual mesmo os povos de maior cultura não escapam preferindo sempre Juvenal a Tácito, Rabelais a Montaigne e Gregório de Mattos a Vieira.

Capitulo VII

O orador e conferencista

Discursos de occasião — A educação da mulher

22) Guardam ainda os coevos, bem como as chronicas locaes, memória de algumas orações proferidas por meu pai em varias circumstancias de sua vida agitada, sendo que, na propaganda republicana, de que elle foi um dos mais ardorosos defensores, teve occasião de erguer mais de uma vez a sua voz em pról do grande ideal democrático que tanto o seduzia.

Os seus discursos, porem, eram improvisos feitos sob a acção do momento, vibrantes e cálidos, cheios de impressivo ardor, e delles não nos deixou siquer notas que nos facultassem reconstituíl-os com os materiaes da época. (14)

Si, como orador, escapa assim á apreciação deste modesto ensaio, ao envez, como conferencista o pode-

(14) Do seu gosto pelos torneios oratórios diz “A Província de Matto Grosso”, que, no seu nº de 12—2—1882, secção intitulada “Lyceu Cuyabano, noticia, a festa escolar de distribuição dos prêmios realizada a 3 desse mez e anno, na qual, entre outros discursos se ouviu o do alumno José Barnabé de Mesquita, “jovem diamantinense de presença de espírito e talento”.

mos melhor estudar através de uma de suas melhores produções, na qual vazou, em estylo correntio e expontaneo que o caracteriza, toda uma bella concepção assaz arrojada para a época, mas reveladora de suas ideas alevantadas e nobres acerca do papel da mulher nas sociedades hodiernas. Quero me referir á sua conferencia “A educação da mulher” lida numa das sessões literárias, ou palestras, como se chamavam, da “Associação Literária Cuyabana” útil e brilhante corporação que grande serviço prestou á mocidade estudiosa de nossa terra, desde a sua fundação, em 1884.

É neste trabalho que melhor e mais nitidamente se patenteam as qualidades mestras do espírito de Barnabé de Mesquita: a erudição, concenciosa e segura, o arrojado nas concepções, o cavalheirismo, de que é uma das faces mais flagrantes o amor, o respeito pela Mulher e a predilecção pelos temas graves e de interesse collectivo, tal como, no caso, a formação mental da Mulher contemporânea.

23) Lede esse interessante trabalho que consubstancia os seus ideaes superiores, numa phase em que o feminismo ainda era um mytho e as conquistas da egualdade dos sexos não passavam de illusão e utopia no mundo inteiro:

A educação da mulher

Senhores:

«Sem duvida é pesada tarefa aos meus fracos recursos intellectuaes o desenvolvimento da these que faz o assumpto sobre o qual vou occupar por algum tempo a vossa preciosa e esclarecida attenção.

É certo que a dissertação que vou fazer sobre a educação da mulher — não pode merecer a vossa consideração: associada a um fundo sem sciencia, a sua forma sem arte, Arida e estéril, se recente do pouco cabedal da intelligência do seu auctor.

E o assumpto é de tão grande magnitude e digno de ser tratado por consummados talentos que se não fosse o conhecimento que tenho de vossa apreçoada benevolência não me animaria a apresentar-me e ainda muito menos a fallar perante vós.

Meus senhores.

A mulher é a obra mais perfeita da criação, porque nella se manifesta a perfeição do ideal poético e o typo da arte esculptural e se funda a theoria sobre o bello e o bom: — a mais consoladora e útil, porque ella nos cura as dores da alma e nos mitiga as do corpo; porque ella é a verdadeira imagem do anjo do lar e o oásis que, na viagem que fazemos do berço ao tumulo, nos alenta o espírito e nos dá vigor á parte physica da nossa existência.

Sob qualquer dos aspectos que a encaremos, esposa, mãe, filha ou irman, ella é digna de todo o preito, de todo o amor, de todo o acatamento: é uma verdadeira divindade a que rendem ferventes cultos todos os homens de qualquer religião que sejam, polytheistas ou monotheistas.

Assim como o diamante de pura água que mesmo no estado bruto se recommenda pelo seu brilho e vivacidade, assim a mulher, mesmo no estado selvagem, se faz creadora da admiração do homem culto que não a despreza porque a educação não lhe aperfeiçoou a alma, o coração e o espírito ou a instrucção não lhe fez desenvolver a intelligência, dando-lhe o conhecimento das causas e dos efeitos.

Pois bem:

Si a mulher selvagem se faz recommendavel só porque é mulher, assim como o diamante só porque é pedra preciosa, a mulher educada se transforma em um verdadeiro sol e em torno della gravitam, na sociedade, os homens, seus planetas, que com os seus satellites formam uma corte mais soberba do que a dos conquistadores romanos, mais brilhante do que a dos Medicis, e mais devotada do que dos Papas.

Si o mundo não conservasse ainda o poder e a importância que nos tempos primitivos se dava á força, a mulher já teria occupado o lugar que lhe compete nas sciencias, nas artes e na direcção dos povos.

Assim como a escravidão se manteve e os chamados senhores se arrogavam um tal ou qual direito sobre os seus semelhantes, direito que somente se estribava na força, assim a mulher se mantém sob o domínio bárbaro e egoístico domínio — sob a tutela e sob a direcção do homem, porque este é mais forte do que ella, e o direito civil, obra de mera e injusta convenção, é o direito do forte contra o fraco, do homem contra a mulher.

Mas, senhores, a educação é também uma força, e quando a mulher a tiver adquirido, quando ella se fizer ouvir nas assembléas e nos tribunaes, perante os povos emfim, a sua emancipação se transformará em brilhante realidade; e então uma nova era de luz, de progresso e de verdadeira igualdade se desvendará aos séculos do futuro.

Segundo opinião mais geralmente seguida o nosso mundo, esta parte microscópica da criação, conta quasi, 60 séculos de existência. Sessenta séculos na vida do mundo, que pode ser eterna, si as leis da attracção e da repulsão o forem, sessenta séculos na vida do mundo é muito menos do que um segundo em comparação de 600 séculos.

Pois, attenteis nesse infinitamente pequeno espaço de tempo, a mulher já tem conseguido quebrar muitos elos da tyrannica cadêa que a ligava ao carro triumphante do homem, seu senhor, seu ídolo, seu Deus, nos escuros tempos do passado.

Nos primeiros tempos do mundo a mulher era vendida geralmente como mercadoria de qualquer espécie.

A sua degradação, a sua ignomínia era tal e tanta que para se subtrahirem a ella se formavam essas sociedades de mulheres conhecidas em diversos paizes sob o nome de — amazonas.

Na Índia, ainda existe o costume, que vem de remota antiguidade, de queimarem as mulheres na sepultura dos seus maridos.

Quando os costumes melhoraram um pouco a condição da mulher, estabeleceu-se o contracto de casamento.

Mas o casamento primitivo somente pelo nome se assemelhava ao de nossos tempos.

O marido tinha uma só mulher legitima, mas podia ter quantas outras lhe aprouvesse, todas debaixo do mesmo tecto. A mulher podia ser repudiada por qualquer pretexto, e em alguns paizes o marido tinha sobre ella o direito de vida ou morte.

Heródoto e Diodoro nos contam a posição das mulheres no Egypto: o casamento era admittido até entre irmãos e irmãs, os seus laços eram muito fracos e a polygamia era permittida. Moysés admittiu também a polygamia e o divorcio.

A forma de casamento instituído por elle era semelhante á primitiva venda de mulheres, porque se estipulava preço.

Na Pérsia, o marido era o Deus adorado pela mulher: esta ajoelhava-se de manhã ante elle, fazia a sua oração e não lhe era permittido adorar outra divindade.

Capitulo VIII

O pensador e político

As leituras favoritas — O propagandista da Republica
— O seu abolicionismo — Ensaio políticos e sociaes

24) Encarado á luz dos trabalhos que nos legou, quer publicados na imprensa local, da qual foi constante obreiro, (15) quer em escriptos inéditos, J. Barnabé se nos revela, entre as muitas arestas do seu polymorphico espírito, sobretudo um pensador, dedicado de preferênciã aos estudos sérios, da política, historia e sociologia.

“Dize-me o que lês e te direi o que tu és” affirma conhecido e veraz proloquio com que se põe á prova a sabedoria dos antigos.

A biblioteca de meu pai, era das mais avantajadas do seu tempo, pois qual a conheci, a despeito do extravio de muitíssimos volumes durante a minha infância, orçava em mais de 300 obras, tendo elle, por várias vezes, feito avultados pedidos para as casas editoras do Rio, de preferênciã Laemmert & Comp., e adquirido nesta cidade parte da importante e escolhida collecção de obras jurídicas do espolio do Dr. José da C. Leite Falcão, um dos mais notáveis causídicos mattogrossenses.

(15) Escreveu principalmente na “Situação”, e no “Espectador” sob o pseudonymo de Zeugma.

Alem de livros de direito, que entravam, como é natural, na proporção de 2/3 sobre os demais, e de obras de literatura, principalmente clássicos latinos de que possuía regular collecção, e uma crescida collecção de revistas francesas — “Revue des Deux Mondes” — as demais obras eram ensaios políticos e sociaes, e graves estudos da philosophia e historia.

São de citar-se Cotmenin, Guizot, Laveleye, Rossi, Pelissier e outros cuja leitura lhe era familiar, achando-se varias dessas obras annotadas marginalmente de molde a demonstrar constante manuseio.

Dos seus trabalhos transparece sempre a influencia das leituras que, desde cedo, o absorveram, imprimindo-lhe esse feitiço particular a tudo quanto escrevia — o de uma cerebração voltada de preferênciã ao estudo dos problemas da sociedade.

25) Político, si bem que nunca apaixonado, antes tolerante e conciliador, militou no partido conservador no antigo regimen, mais como dilettanti, pois desde cedo manifestando os seus ideaes republicanos jamais teve ostensiva co-participação nos públicos negócios sinão quando viu victoriarem os seus sonhos democráticos.

Propagandista da Republica, não se limitou ao platonismo commodo de muitos dos seus contemporâneos para os quaes a propaganda começou com o alvorecer de 9 de Dezembro, data em que os fáceis adheistas se declararam republicanos convictos e implacáveis adversários do regimen de cuja deposição chegara nessa data noticia a Matto-Grosso. Muito ao envez, em 27 de Julho de 1888 o vemos subscrevendo o convite para a organização do Partido Republicano de Matto-Grosso, em incisiva proclamação na qual se dizia que “do Governo monarchico nada mais podemos esperar sinão a continuação do menosprezo á constituição política e o atraso em que se acha o nosso paiz”. (16)

(16) Datas M. Gross. de E. de Mend. II pag. 55.

A 12 de Agosto desse anno assignava, com 21 companheiros, o manifesto do mesmo Partido, nessa data installado, documento este cuja publicação “foi feita em avulso e a distribuição abundante”. (17)

Fez parte da Commissão Executiva do mesmo Partido, tendo sido também membro honorário do “Club Nacional Oito de Dezembro” de São Luiz de Cáceres, titulo este que lhe foi conferido tendo em subido apreço o seu “civismo, abnegação e sincero devotamento á causa da democracia” (Off. de 2—2—1890, do Pte. do Club, Luiz Benedicto Pereira Leite.)

26) A sua natural índole o fazia propender para todas as causas sympathicas que se agitavam na arena da opinião publica do seu tempo e assim é que o encontramos também (18) firmando com 4 outros advogados a acta da reunião de 29—4—1886, effectuada no salão da A. Literária Cuyabana, na qual deliberaram recusar o seu apoio e defesa a todas as causas dos escravocatas e declaravam se terem comprometido “a não acceitar causa alguma contra a liberdade e a acceitar todas contra a escravidão”, terminando por dizer: “Para nós já não há escravos no Brasil, — há libertandos”.

Madrugara nelle, de resto, o amor á causa abolicionista, pois em 1873 com 18 annos, no Diamantino, já o vemos fazendo parte, como Escrivão, da Junta Emancipadora local, sendo em 1876 novamente incumbido desse serviço publico.

Intimo amigo do Juiz Dr. Antonio A. Rodrigues de Moraes, foi um dos que lhe deram decidido apoio quando, ferindo da frente interesses dos escravagistas, decretou, por sentença de 12—5—1887, a liberdade de 112 escla-

(17) Idem, II, 89.

(18) Os outros eram João Maria de Souza, José Maria Velasco, Francisco Agostinho Ribeiro e A. de Paula Corrêa (V. Datas, I, 221)

vos menores de 56 annos, e seus descendentes, nos termos da lei de 7 de Novembro de 1831. (19)

A sua concepção acerca de abolição, porem, implicava, no seu recto senso de jurista, o necessário ressarcimento da propriedade representada no elemento servil, tal como se vê dos seus escriptos, notadamente as “Considerações sobre a extinção da escravidão e o futuro da provincia de Matto-Grosso”, serie de artigos publicados na “Situação”, em 1883, da qual extratamos os seguintes tópicos elucidativos do seu criterioso modo de pensar acerca de tão momentoso assumpto:

“Dentro de pouco tempo a lei de 28 de Setembro, coadjuvada por tantas sociedades abolicionistas que existem e apparecerão em todos os pontos do Império, terá conseguido o desapparecimento da classe escrava. Sabem todos que 20 ou 30 annos é nada na vida de um povo e esse espaço de tempo é bastante para vermos realizado essa aspiração nacional, porque a nação toda deseja a abolição, *mas a abolição somente como a concebeu o gênio de Paranhos e não a abolição prejudicial e súbita.*”

Coherente com esse modo de pensar, que jamais renegou, como soem fazer os adheistas fáceis de ultima hora, verberava elle, na reunião do Partido Republicano realizada a 30 de Julho de 1888, — já depois da abolição — “a extorsão da propriedade escrava, embora illegitima, visto como, em respeito aos direitos adquiridos e para conciliar a propriedade de facto com o principio da liberdade, os republicanos sempre tiveram por base a indemnização e o resgate e nunca a espoliação, por isso mesmo que o partido republicano desfralda a sua bandeira sob os auspícios da justiça, da liberdade e da razão, que são deveres imprescindíveis de um governo moral e civilizado (20).

(19) Essa decisão do juiz Moraes foi posteriormente annullada pelo Tribunal da Relação por não se ter observado no processo o art. 10 do Dec. de 12—4—1832, contra o voto do Dr. Melciades Pedra (Situação de 19—1—1888)

E, definido assim, claramente, em linguagem concisa e bem expressa, o seu ponto de vista no conceituar a abolição, — ponto de vista que não prevaleceu, mas a que o futuro veio a fazer justiça devida — passa a expender justas ponderações acerca da sorte do escravo libertado, outro grave problema social a cujo descuido por parte de nossa alta administração se devem lamentáveis e irreparáveis conseqüências resultantes na desorganização do trabalho e no próprio sacrifício dessas classes atiradas de brusco da completa sujeição á mais perigosa liberdade.

“Enquanto se vai operando annualmente a libertação gradual dos escravos é o dever dos nossos homens políticos cuidar em prepral-os para a vida civil, de forma a satisfazer as necessidades do paiz. Á medida que o braço escravo tende a desapparecer é de indeclinável necessidade que o governo nos dote com leis sobre locação de serviços, accommodadas ás condições e circumstancias de todos e que favoreça a immigração”.

Essa serie de artigos revela profundos estudos na matéria da nossa evolução passada e seguras previsões acerca do nosso futuro e é muito typica para demonstrar o seu gosto pelos ensaios desse gênero.

27) da mesma natureza são os ensaios “Engenho central”, publicados no “Espectador”, em 1885, (21) no qual estuda as possibilidades de colonização e desenvolvimento industrial da província; “A divida paraguaya”; “Salus populi suprema lex”, referente á defesa prophylactica do cólera que ameaçava invadir a província; “Uma candidatura conciliadora” e vários outros. (22)

(20) O Espectador de 9 de Agosto de 1888

(21) N^{os} de 15 de Janeiro e 5 de Fevereiro desse anno

(22) Entre outros trabalhos do gênero puramente literário, cuja apreciação iria melhor no cap. seguinte, são de citar-se os seus escriptos, em forma de chronica, no “Espectador” (colleção de 1884 e 1885) sob pseudonymo de Zeugma.

Alem desses trabalhos publicados deixou Barnabé de Mesquita um ensaio da historia política, tracejado em suas linhas geraes, sob o titulo genérico “Estudos políticos” de que resta um esboço de 11 capítulos, bem como uma narrativa do movimento político de 1892, que foi entregue ao Cel. G. Ponce, parecendo haver se extraviado.

Grande cópia de notas avulsas se encontram, aqui e ali, ora no seu “Diário” á margem de commentários outros, ora em papeletas volantes, destinadas a ulterior desenvolvimento que não foi possível que não foi possível lhes dar.

Por interessantes e illustrativas de suas opiniões políticas e sociaes transcrevemos aqui algumas dellas, com a data respectiva, afim de que ao leitor seja dado ajuizar de suas qualidades de pensador, reveladas através desses escriptos:

Pedro I paralysoo o movimento de liberdade do Brasil apoderando-se da coroa. Creou garantias para si e deu ao povo uma liberdade illusória.

É tempo de meditar nas licções da historia: o Brasil, moço, está velho pela monarchia; é preciso rejuvenecel-o pela republica.

A monarchia precisa de nomes. Os títulos precisam ser banidos. Só deve existir grandeza nos talentos e virtudes.

A forma republicana é a que melhor convém ao Brasil. A monarchia é cara para o nosso paiz.

A religião é a base da perfeita liberdade: há muita tibieza no animo dos homens — é preciso mais fervor.

A liberdade é funesta aos espíritos fracos: logo é preciso elevar os espíritos.

Aqui deixa-se levar mais pela sensibilidade que pela moral. O egoísmo falla mais alto que o amor da pátria: quer elevar o salário dos empregados públicos, com prejuízo do paiz.

É necessário um movél de acção mais elevado que o que predomina nas massas.

Emquanto houver escória numa nação a republica não será estável.

Ambiciosos vulgares, sem talento, sem princípios, sem moveis de acção definidos (como um certo truão), fracos para a lucta das idéas, inculcam-se republicanos e, amigos dos altos funcionários, procurando agradal-os pelo servilismo, recebem empregos e calcam aos pés os sentimentos da verdadeira democracia.

A instrucção fará a republica, as trevas conservarão a monarchia — excepto a revolução.

Contra o conhecimento dos negócios do paiz e dos caracteres na pessoa do Monarcha ahi estão — a má escolha de pessoal para os altos cargos do Estado, principalmente para os de — presidentes de província — a sancção a leis impróprias para o paiz e a elevação á alta nobreza de verdadeiros salteadores do thesouro.

(1883)

Pode-se deixar de concordar com certas idéas ahi expendidas, e estou mesmo em crer que o próprio auctor,

si vivesse mais algum tempo, a ponto de ver o modo pelo qual tem sido desvirtuados entre nós o regimen e as instituições republicanas, as teria modificado um tanto: o que não se pode discutir ou negar é a sinceridade real, quasi impulsiva do seu temperamento de democrata, de político de ideal e de convicção, arredo ás transigências e as accomodações bastardas, fóra inteiramente dessa política de conveniências que tanto tem infelicitado o Brasil.

Por isso mesmo estava-lhe reservada a sorte, como a outros visionários dessa tempera, de ser sempre um partidário platônico, um sonhador na política, que, pela sua índole de pura especulação, exclue esses espíritos dotados de elevação e de altruísmo, que crêem na sinceridade e a pratica, mesmo com prejuízo próprio.

Capitulo IX

O Belletrista

A vida intensa e as letras — Um folhetim — Algumas poesias

28) A vida verdadeiramente intensa de meu pai, que se não permitia sequer o repouso salutar que o physico lhe estava exigindo como compensação ao dispêndio de enorme actividade cerebral que desde criança vinha fazendo, não fôra, por certo, de natureza a desenvolver no seu espírito as tendências para as bellas letras, no sentido de pura abstracção ou phantasia.

Sua modalidade predilecta foi sempre a doutrina, a exegese histórica, os estudos superiores de interesse geral e é neste ramo que se exerceu nobre, constante e proficuamente, a sua actuação, durante mais de dois lustros, na imprensa cuyabana.

Como derivativos, talvez, ás graves elucubrações que sempre lhe tomaram o tempo e lhe absorveram o intellecto, dava-se, por vezes, a incursões, si bem que fugazes no domínio da literatura ligeira, ramo que cultivou principalmente sob dois aspectos: o folhetim e a poesia subjectiva. (23)

Folhetinista soube-o elle ser com rara delicadeza de tons, e mui invulgar critério de observação, na-

(23) O seu gosto pelas letras já se revelava desde menino, no Diamantino, na cópia de bellas e inspiradas poesias de que formou escolhida collecção em 1870, com 15 annos apenas.

quele tempo em que o rodapé era escoadouro das frivolidades no jornalismo indígena, quando não o pelourinho de reputações que nelle se viam zurzidas com virulenta linguagem muito ao sabor do tempo e de que, infelizmente, com mui raras e deprimentes excepções, se vão expurgando os nossos periódicos.

J. barnabé, ao envez, conseguiu nos seus folhetins alliar o commentario leve dos acontecimentos a uma dose de meigo lyrismo, que os faz da leitura fácil, attrahente e variada. Leia-se, a titulo de exemplificação, o seguinte folhetim em que elle nos descreve uma partida dançante em 1883:

29) «Teve lugar no dia 28 do corrente a 2ª partida da Sociedade “Recreio Cuyabano”. Annunciada para o dia 27, a grande chuva que sobreveio logo ás sete horas da noite e prolongou-se até as dez, occasionou o seu adiamento. A’s sete horas da noite o elegante palacete do Exmo. Sr. Barão de Diamantino começou a encher-se de grande numero de famílias que iam tomar parte nos alegres e ruidosos folgares da sociedade.

A’s oito horas annunciou-se o Exmo. Barão de Batovy, digno presidente da província, que com sua Exma. Senhora a Baroneza foi carinhosamente recebido pelo Exmo. Barão de Diamantino e por todos os convivas.

A musica, logo após a chegada de S. Exa., despertou a actividade dos circumstantes pela cadenciosa harmonia dos seus instrumentos.

A’s 8 ½ horas os vastos salões do palacete apresentavão uma vista deslumbrante e encantadora: o brilho das luzes reflectido nos espelhos, derramando ondas de claridade sobre o crescido numero de convivas, — deslumbrava-nos; a alegria que se notava em todas as phisionomias, o vestuário variado e escolhido das senhoras, a belleza proverbial das cuyabanas — encantavão-

nos. Ao lado de uma joven de olhar terno e magnético, de brancura de neve, de cabelos pretos e brilhantes, de faces de carmim, lábios de coral e dentes de pérolas, via-se uma interessante moreninha cujos olhos vivos e ardentes lançavam chispas electricas capazes de abalar um estóico e cuja tez, a perfeição dos traços, a intelligência que brilhava nos seus olhos terião a mais de um dos jovens que extáticos e arrebatados a contemplavão.

A's 8 e $\frac{3}{4}$ teve começo o baile.

Era verdadeiramente para admirar-se o crescido numero de pares que dançavão em três salões do vasto edificio, seductoras eram as expressões das jovens beldades que apostadas parecião em procurar arrastar após si pelos donairosos movimento da dança maior numero de admiradores.

E os cavalheiros ? Parecião fascinados por essa interessante parte da humanidade a cujos attractivos rendidos consagrão o poeta os seus versos, o guerreiro a sua espada, o político a sua gloria, o magistrado a sua toga, o romancista as suas producções e o próprio usurário o seu dinheiro. Oh ! os cavalheiros esquecerão naquelles minutos de ineffaveis delicias todas as occupações sérias da vida, todos os trabalhos quotidianos, e entregavão-se ás mais vehementes expansões de prazer.

Verdadeiros mares encantados, cujas sereias arrebatavão pelos seus cantos harmoniosos os intrépidos nautas, as bellezas características das sereias dos nossos salões lançavão no coração dos nossos dandys os germens do seu irrecusável e soberano poder o os *leões* cujos corações desde muito tempo tinhão sido offerecidos em holocausto ao deus cupido no altar das realidades lastimavão-se intimamente de não poderem tomar parte ostensiva nesse certamen cujas armas matam incruentamente.

Depois das quadrilhas, as polkas, as valsas: aqui deslizava-se com a ligeireza de uma sylphide uma das mais encantadoras donzellas da nossa cidade e o seu par sentia-se ennobrecido e vanglorioso por poder mostrar-se ás vistas da multidão de braços entrelaçados coma déa que tinha tantos adoradores como Vênus os teve; ali via-se outra deidade que ao som da musica movia engenhosamente os pesinhos e seu cavalheiro mostrava-se orgulhoso ante as curiosas vistas dos espectadores; acolá era um par de jovens que voavão com as azas das prazenteiras illusões.

Qual o coração de gelo que não se sentiria inflammado á vista de um conjuncto de attractivos tão variados quão fascinantes taes como os que admiramos na noite de 28 de Outubro ?

Sempre animado, sempre á satisfação de todos, prolongou-se o baile até as duas horas da madrugada de 29. Vião-se também em uma das salas do palacete, á roda de uma meza, diversos cavalheiros que divertião-se com a inconstância maravilhosa das cartas.

Julgamos excusado dizer que o serviço esteve excellente: conhecem todos o quanto é amável e hospitaleiro o nobre Barão do Diamantino em cujo palacete dissemos ter se realizado a festa.

O Sr. Barão mostrava-se em todas as salas, sempre jovial e alegre com todos indistinctamente: S. Exa. é o typo do character hospitaleiro e franco dos mattogrossenses.

Assim correu a 2ª partida do Recreio Cuyabano que muito útil e vantajoso vai sendo para os seus sócios pelas distracções puras e agradáveis que lhes proporciona.»

30) Si tal se nos revela a sua alma cheia de delicadeza através das paginas volantes de sua secção de jornal, melhor a auscultaremos, ao vivo, em toda sua

ternura meio romântica, nos poucos, mas commoventes versos que deixou no seu archivo e que presumo por muito pessoas e subjectivos não os tivesse publicado.

É preciso attentar-se que a essa época imperava em toda a linha entre nós o romantismo, que tinha na pessoa de Amâncio Pulcherio e José Thomaz os seus corypheus consagrados pela estima publica.

Era ao tempo em que J. J. R. Calhau desferia, pela velha “Província” os seus harpejos poéticos e, ao lado delle, formavam-se Luiz Theodoro Monteiro, Flavio de Mattos, José Delfino, João Marciano e outros de menor porte.

Obedecendo menos talvez á influencia da escola reinante do que ás suas próprias tendências pessoas, J. B. de Mesquita escolhia para thema de seus versos as aspirações de sua alma de revoltado contra as mentiras sociaes ou punha-se, embevecido, a cantar uma belleza patricia, que, no jardim, o trouxera arroubado em doce e extática admiração:

ASPIRAÇÕES

Eu quizera ser poeta
E cantar a natureza
Em toda a sua belleza,
As mentes a arrebatár;
Cantar quizera dos céus
O azul diaphano, puro;
Dos mares o fundo escuro
Que se não pode sondar.

Mas o mundo da poesia
É um composto de chimeras,
De Vênus e de Megeras
Que me faz entristecer;
E demais todo o poeta,
Embebido em illusões
Que affeminam corações,
Só passa a vida a gemer.

Não quizera ser poeta
Para cantar a belleza
Verdadeira realeza
Aos homens de sentimento;
O verniz de lindas faces,
O fulgor de bellos olhos
São verdadeiros escolhos
Que enganão por um momento.

Das moças a faceirice
Tão fugaz e passageira,
Como uma brisa ligeira
Que o rosto nos vem beijar,
O sorrir de doces lábios
De uma falsa philomela
Que a imprudência revela
Eu não quizera cantar.

Da vida pura e real
Cantar quizera as grandezas,
Detestando as vis torpezas
Que nos tiram a ventura;
Torpezas vis e mesquinhas
Que em taças de prata ou ouro,
Não dão o negro desdouro
Com toda a sua amargura !

UM HOMEM E UMA ÉPOCA
NO JARDIM

Quizera ao teu lado, contente e risonho,
Sorver os perfumes que exhalas, ó flor!
Quizera ao teu lado, passear no jardim,
Fallar-te de festas, de risos e amor.

Em noite serena, de branco luar,
Da musica ao som cadente e ligeiro,
Num rancho de moças morenas e lindas,
Sorrias a todos com ar sobranceiro.

A todos os homens ardentes e jovens,
A todos os velhos tafues e gaiteiros,
Lançavas sorrindo com ar de desdém
Olhares de fogo e sorrisos brejeiros.

Nas noites de festa, no nosso jardim,
Em meio da turba que folga contente,
Recorda-te; ó joven, que a vida é um sonho,
Alegre ou tristonho, um sonho que mente.

Alegre sou sempre, a par dos amigos,
Quando aos nossos olhos te mostras assim,
Nas ruas povoadas de moços e moças,
Nas ruas tão bellas do nosso jardim.

Mas quando o acaso em casa te prende
Me deixas tristonho, sem luz, sem amor,
Minha alma sem crença suspira por ti,
Meus olhos são tristes, meus lábios sem cor.

Não deixes, ó virgem, em todas as noites
De ir, toda bella ao nosso jardim;
E quando me vires por perto passar
Repousa teus olhos amados em mim!

JOSÉ DE MESQUITA

Evidencia-se nos seus versos, apesar do casto lyrismo que todo os envolve em uma athmosphera de veneração, um saibo amargo do pessimismo que o faz ver no fulgor de bellos olhos.

“verdadeiros escolhos
que enganão por um momento” e na vida, mesmo das mais bellas

“um sonho (24)
alegre ou tristonho, um sonho que mente”.

Não seria um reflexo do seu modo de encarar a existência, o amor, e a mulher que o fez conservar-se ao casamento até idade já madura, só dando esse passo decisivo quando sentiu o coração abrir-se-lhe na eclosão de um grande sentimento do qual não quis o destino lhe fosse dado usufruir por muito tempo ?

(24) Alem desses trabalhos encontrei nos seus papeis varias *esquisses* entre as quaes a de uma comedia em 3 actos e um epílogo sob o titulo “As viravoltas do mundo” apenas iniciada, e uma carta a F. P. Guimarães que é uma pagina literária de humorismo e de evocações, da qual transcrevo, a titulo de curiosidade, alguns trechos supprimindo as datas e nomes, para tirar o que há nella de ha demasiado pessoal: «apraz-me sobremaneiro o lembrar-me dos bons e ditosos dias que passei nessa Villa e trago indelevelmente gravadas na imaginação as saudosas recordações dos momentos felizes que em sua companhia tive o prazer de passar: — os nossos passeios á noite, quando íamos ao Capim Branco: aquella noite em que fomos ao “Poção” do Ribeirão do Ouro empoz da M.; as carreiras que uma funesta imprudência da nossa parte fez nos dar ao velho Barrondo com a grandíssima e cortante espada nua; os nossos bailes e as jovens deidades que os fazião brilhantes e aprazíveis; a vida, em fim, que diariamente levávamos alegres e contentes, indo ao banho, nos passeios, são lembranças que a força do tempo não abala siquer...”

Capítulo X

O homem na intimidade

As “notas” do Diário — Trechos auto-biographicos

31) Temos analysado a personalidade que faz objecto do presente ensaio biográfico sob os seus vários aspectos intellectuaes: como advogado, sustentando no pretório, com a convicção que só a sinceridade empresta, as causas mais árduas e difficeis; como jornalista, terçando as armas em prol do grande problema da época, a victoria da democracia; como orador e conferencista, transformando a tribuna numa cathedra de nobres doutrinas; como pensador e político, desenvolvendo todo um programma de estudos sociaes e históricos num vasto plano que gisou mas a que o tempo não permittiu a inteira desenvolução e, finalmente, como belletrista, preenchendo as horas de lazer que lhe sobravam com delicadas producções denotadoras do seu gosto artístico, índices curiosos da sua fina cultura mental.

A essa grande obra a que só faltaria a coordenação necessária, pois J. B. de Mesquita não teve, na sua vida afanosa e curta, tempo siquer de revel-a, ajustando-lhe parte por parte para della fazer o todo almejado, há ainda a accrescer, como curiosa documentação autobiographica e psychologica, os seus vários cadernos de apontamentos e notas escriptas *au jour le jour*, o seu Diário que espelha as varias arestas do seu character e da sua intelligência.

Delle respigarei algo que possa, á maneira de photogravuras nítidas, illuminar as asserções que ahi ficam, illustrar ao vivo a sua existência e a sua obra, de que este rápido ensaio procura transmittir uma impressão fugidia.

É ali, na intimidade do seu eu, na penumbra mysteriosa da consciência, que mais pude surpreender-lhe, em traços característicos de uma elevação moral extraordinária, toda a sua alma de eleito que poderia, sem exagero, constituir-se em paradigma, aos porvindouros, como verdadeiro prototypo do homem recto, que se impoz desde o começo uma única linha de conducta e por ella, sem olhar tropeços, se enveredou resoluta e invariavelmente a vida toda.

Como Rousseau á primeira pagina das suas “Confissões” poderia J. Barnabé ter collocado á frente dos seus cadernos de memórias o dístico de Pérsio, nas Satyras — *Intus et in cute* — pois ali elle deixou os elementos necessários á reconstituição moral da sua psyche, podendo-se dizer que, sem reservas, o seu depoimento nesses cadernos vale pelo do pensador de Genebra naquelle celebre livro em que se propoz mostrar aos seus semelhantes “um homem em toda a verdade da natureza”.

Escriptos sem preocupação, mas em linguagem sempre escorreita, tem esses cadernos de memórias a singularidade de serem graphadas ora em portuguez, ora em francez e mesmo, ás vezes, em latim, parecendo obedecer á inspiração de tornar assim menos accessíveis á leitura dos profanos certos episodios por demais pessoas da sua vida.

Não constituem uma seqüência lógica e nem tem certa unidade de plano ou concepção: há mezes inteiros de que não ficou uma pagina escripta, e em compensação, outros há em que a sua vida minuciosamente narrada, com pormenores detalhados, que per-

mittem acompanhar-lhe os incidentes mínimos, no evolver dos seus mais íntimos arcanos.

Começa o Diário em 1880, o ultimo anno da sua estadia em Diamantino e que representa na sua vida uma phase decisiva, qual a da resolução, logo posta em pratica, de procurar num centro melhor, campo mais propicio á sua actividade fecunda.

Perlustraremos, ainda que rapidamente, saltando sobre incidentes pessoas e factos de valor puramente occasional, esse interessante repositório de idéas em que J. Barnabé deixou impressos os sulcos profundos do seu modo de encarar os homens e as cousas do seu tempo.

32) Passemos as vistas em rápida resenha, através das notas mais interessantes do Diário, reveladoras das diversas faculdades do espirito do seu auctor.

Aqui é a sua discreção e prudência que se manifestam a egual passo no seguinte período, datado de 13 de Março de 1880.

“Até vésperas de minha sahida, si for possível, não direi a ninguém que minha mudança está tão breve”.

Ali é um incitamento que faz á sua resistência physica já quasi estanca pelo trabalho continuo:

“Dentre os maus costumes que eu tenho o peor é incontestavelmente o de levantar-me tarde do leito. Preciso libertar-me desse vicio”. (5—4—80)

Mas adiante e a sua funda convicção religiosa, haurida na infância, e que o acompanhou toda a vida, a exhalar-se nestes pensamentos cheios de robusta fé e esperanza no porvir: “A providencia de Deus muito me tem protegido! Nascido de pais pobres, soffrendo, no alvorecer dos annos, toda sorte de misérias e privações materiaes; acabrunhado sempre pelo escarneo das turbas, que vião alguns vislumbres de ambição e arrogância futura no

que era uma prova latente da protecção que a providencia, desde o momento em que vi a luz do sol, tem me prodigalisado: eu nunca desisti dos meus planos, nunca reneguei minhas idéas. E hoje, oh ! providencia ! á vista dos precedentes da minha vida, tenho mais robusta fé no futuro ! Digo mesmo que, através da nuvem que separa das vistas humanas o horizonte da posteridade, vejo-me, daqui a 10 annos, sentado, na corte, na cadeira de advogado, a defender a causa dos infelizes deste mundo, cercado de minhas boas mãe e irmans, e no áureo seio da mediocridade. Oh ! sim; eu vejo tudo isto com a vista do espirito que em mim leva vantagem á physica (25) (11—5—1880)

Pouco adiante, numa exhortação quasi mystica exclama: “A alma, é só a alma, deve ser a dominadora, e della o corpo, agente material, deve receber leis.

Dobrar a vontade da alma á do corpo, maltratar a idéa, matal-a mesmo, em beneficio da matéria, é renegar a missão nobre e augusta que o homem pode desempenhar, é deixar a grandeza robusta da parte que pode elevar-nos á qualidade de um semideus pela baixeza do charco impuro onde o corpo pode arrastar o homem...” (28—5—1880)

Em seguida a essa pagina que parece inspirada nas leituras da Imitação ou de Pascal, vêde esta outra, em que se sente, talvez a influencia de um Marco Aurélio:

“O que pode conduzir o homem ao caminho da felicidade é o exacto cumprimento de todos os deveres que a moral nos impõe. Quando para satisfazer a vontade de um homem ou para cumprir-se com certas regras da civilidade, é preciso falsear qualquer principio da honradez, o homem deve preferir a inimizade ou o

(25) Allude aqui á sua excessiva myopia.

ridículo, mil vezes que commetter uma falta mais grave qual é a de sacrificar seus princípios”. (27—6—1880)

A 8 de Setembro de 1882 discorria — já então em Cuyabá — acerca do seu estado, por esta guiza ao abrir um caderno a que dava o titulo. “Diurnum Commentarium”.

“Porque sou triste ? Posso regular fortuna, família excellente, boa saúde. Propicio futuro me aguarda — que mais desejo ? Por enquanto devo ter resignação, esperança em Deus e na minha boa estrella e trabalhar sempre. É preciso nunca perder a coragem.”

A 2 de Outubro desse anno, lança elle no Diário estas palavras ascéticas:

“Meu Deus, daí-me a coragem para resistir ás tentações. Não devo pensar em cousas vans e inúteis. É preciso que eu pense o que fui, o que sou, para comprehender o que serei. Tenho em mim tudo o que é necessário para esperar um bello futuro, confiado em Deus. Basta para isso que eu saiba dominar as fraquezas do corpo que é meu único inimigo: devo estar de pé até ½ noite estudando. Minha carne é cruel commigo, pois bem, eu lhe declaro guerra, que seja de morte, que importa ?”

A 1 de Dezembro desse anno traça um preceito de frugalidade nestas curtas palavras que resumem a ephemeride do dia:

“Nunca me senti mal alimentado me pouco...”

Em 1884, 23 de maio, expõe as suas ideás acerca da leitura, em concisa sentença:

“Nada é peor do que ler apressadamente: cança-se, enfastia-se, desgosta-se e não se apprehende quasi o que se lê. O contrário acontece quando se lê vagarosamente: pezando palavra por palavra, aproveitando toda a idéa, todo o pensamento do auctor. É preciso ler se *vagarosamente e meditadamente*.

Encerrando o anno de 1884, escreve o seguinte:

“Vai se findar o anno de 1884 que occupou um lugar assaz salente na serie dos annos da minha idade, sendo della o 29º, e deixa traços notáveis na minha vida, a não poderem ser esquecidos no futuro... Neste anno conheci quanto os homens são fracos, vis e blazonadores: nada há de peor do que o contacto intimo com elles...”

Em 1885, 3 de novembro, incommodado com boatos anonymos que lhe chegaram acerca de ataques pela imprensa diz:

“Disse-me hoje J. M. que mesmo não escrevendo na “Situação” o “Matto Grosso” me há de atacar. Que dirão de mim detratores gratuitos ?

Fico em guarda, á espera dos ns. seguintes desse jornal...”

Os annos de 1887 e 1888 são absorvidos quasi totalmente por um incidente de ordem sentimental, cujas passagens ia J. Barnabé registando minuciosamente no seu caderno de lembranças.

Uma ou outra nota de natureza diversa se entresacha com assentamentos relativos a negócios vários e planos de futuro, muitas vezes reafirmados.

Em 1888, a 26 de Setembro, volta a preoccupar-lhe o espírito a idéa de negociar e diz:

“Decididamente não posso e nem devo viver ocioso. Pretendo estabelecer-me com casa de fazendas e formar um negocio mixto: tratarei de relacionar-me directamente com as praças de Londres e Paris...”

Em Dezembro desse anno entra a voltar-lhe no cérebro o problema do casamento:

“A 7 de Março futuro vou completar 34 annos. Não desejo ser celibatário; todavia, casar-me agora ou aos 36 ou 38 annos julgo indifferente. O que não desejo é chegar aos 40 annos em estado de solteiro.” (12—12—88)

O anno seguinte põe fim ao enredo de um amor frustrado.

Em 31 de Maio lançava elle no Diário esta nota expressiva para mostrar quão antiga é a idéa, felizmente inexequível da transferência da sede do governo para o sul:

“Sinistros pios de agoureiras aves aventam a possibilidade de mudar-se a capital de Matto Grosso para Corumbá. É possível que tal pretensão não se realize por disparatada. Mas também pode ser que se realize...”

Nesse anno, a 31 de Outubro, elle deixa o lugar de guarda-livros na casa M. Guilherme, onde trabalhara desde 23 de Fevereiro de 1881 — 8 annos e tanto.

De novo o empolga a idéa de ir para S. Paulo estudar direito e em Novembro de 1889 escreve:

“Não posso sujeitar-me á vida inglória e material que me estaria reservada em Matto Grosso, se eu não tratasse de deixar a província...” Não direi a pessoa alguma a pretensão que tenho de ir a S. Paulo. Direi simplesmente que estou desocupado e quero aproveitar convenientemente o meu tempo...

Quero encanecer no estudo. Nada no mundo me poderá ser mais honroso.”

Não objectivou esse planos, pois a sua vida, a partir dahi toma outro rumo, encaminhando-se para a burocracia e, ao depois, para o casamento.

Pouco interesse tem, a não ser para os seus íntimos, as notas dos dois últimos annos de sua vida. Nellas já se lobriga a preocupação do chefe de família amantíssimo a pensar no futuro dos seus, imprimindo á vida uma orientação segura e uniforme. Há também acres commentários ás oscillações políticas do novo regimen, que por muito pessoas não vão com a feição deste trabalho. O que ahi fica, de resto, basta a elucidar a sua personalidade no que elle possuía de menos accessível, o recesso do seus pensamentos confiados ás paginas do “Diário” amigo, que elle não abandonou jamais, tendo ainda lançado a 5 de Agosto de 1892, 7 dias antes de morrer — uma nota referente ao andamento dos seus negócios...

Capitulo XI

A carreira burocrática

Retrahimento inicial — A Estatística — Outros cargos

33) Pode-se dizer, sem duvida alguma, que a carreira burocrática do meu pae se iniciara co o advento da Republica em 1889, ficando assim reduzida a menos de 3 annos, attendendo-se ao facto de haver fallecido em 1892, no exercicio do cargo de Director da Typographia Official.

Na villa do seu nascimento exerceu, é verdade, alem do lugar de 1º Sargento da 2ª Comp. do 4º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional (1873), as funcções de 3º Supplente de Delegado de Policia (1887) e de 1º Supplente (1879), nomeações estas dos Presidentes de Província Hermes Ernesto da Fonseca e João José Pedrosa, respectivamente.

Em Cuyabá, porem, de 1881 a 1889, seja porque o seu natural retrahimento se oppuzesse a que andasse a cata de collocações que a política reserva aos seus thuriferarios, seja pelas suas conhecidas e proclamadas idéas republicanas, a não ser o cargo de auditor de guerra interino, em 1887, jamais occupou posição publica mesmo que de pequeno destaque.

Estabelecido o novo estado de cousas consequente ao levante militar de 15 de Novembro de 1889, entra J. B. de Mesquita a collaborar activa e continuamente na administração publica, mostrando-se ainda ahi co-

herente com as suas convicções democráticas mais de uma vez publicamente externadas.

34) O primeiro cargo que lhe coube ocupar foi o de Encarregado dos trabalhos de estatística da população urbana do 1º e 2º Districtos de Cuyabá, para o qual foi nomeado por acto de 28 de Janeiro de 1890, do Brigadeiro Antonio Maria Coelho, Governador do Estado, aclamado a 9 de Dezembro do anno anterior, ao chegar a Cuyabá a nova de proclamação do regimen republicano.

O serviço de recenseamento que, no antigo regimen, fôra tentado nesta província pelo Presidente Antonio Pedro de Alencastro, em 1861, (26) e prosseguido nos governos Cardozo Junior e Miranda Reis (1872 e 1873) mereceu, pela sua relevância, os cuidados do Governador provisório que procurando confial-o a quem, por sua solicitude, pudesse bem de empenhal-o, o entregou ao advogado J. B. de Mesquita, que esteve á sua frente até 1º de Julho de 1890. Nesta data apresentou á Secretaria o seu trabalho, concluído no curto espaço de 5 mezes e dois dias, recebendo do Governador o seguinte honroso officio que é um attestado de sua operosidade. Cuyabá, 1º de Julho de 1890.

Tendo se concluído e sendo presente á Secretaria do Governo o trabalho de recenseamento de que vos incumbi, cabe-me o dever de agradecer-vos o modo porque o desempenhastes, não poupando esforços para reunir áquelle minucioso trabalho todos os dados que podem esclarecer sobre a origem, índole e estado de civilização dos habitantes desta Capital.

Saúde e fraternidade
O Governador
G.^{al} Antonio Maria Coelho

(26) Datas, I, 99

A 7 de Novembro do mesmo anno de 1890 era J. B. de Mesquita nomeado pelo G.^{al} Antonio Maria Coelho para o cargo de Procurador Fiscal do Thesouro do Estado, no qual se conservou até a retirada do General Coelho do governo, em 16 de Fevereiro de 1891, quando assumiu o mesmo o coronel Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro, nomeado por Decreto de 31 de Dezembro do anno anterior.

Com a ascensão ao poder do Cel. João Nepomuceno de Medeiros Mallet, nomeado por Decreto do Governo Provisório de 18 de Abril de 1891 e empossado a 6 de Junho do mesmo anno, foi J. Barnabé nomeado a 20 de Julho, professor de Latim, Philosophia e Rethorica do Lycêo Cuyabano, cargo que assumiu o exercício a 22 do mesmo mez. Deixou a sua cadeira de professor a 9 de Outubro desse anno por ter sido nomeado pelo Doutor Manoel José Murтинho, primeiro Presidente constitucional do Estado, para o lugar de Director da Typographia Official.

O levante militar de 1º de Fevereiro de 1892, em virtude do qual foi deposto o Presidente Murтинho, determinou o seu afastamento do cargo, sendo nomeado para substituil-o Victal Baptista de Araújo.

Eis como elle commenta, no seu “Diário”, ephemeride de 5—2—1892, esse acontecimento de tão funestas consequências para Matto Grosso, pois que abriu o período lúgubre das revoluções, sendo, como foi, a causa determinante e o prólogo do movimento armado de 7 de Maio desse anno:

“Uma horda irrompida de Corumbá, acaba de destruir as nossas instituições estaduaes. Em consequência disso fui demittido do cargo de Director da Typographia do Estado e julgo imminente também a demissão de minha irman do cargo de professora.”

Restabelecida a ordem e a estabilidade no Estado, após a contra revolução que, em Maio desse anno, repôz

no poder o Dr. Manoel Murтинho, foi J. B. de Mesquita reintegrado no seu cargo de Director da Typographia Official, sendo ainda, em 21 de Maio desse mesmo anno, nomeado Inspector Escolar da Freguezia da Sé pelo vice-presidente em exercicio Generoso Ponce. Nesses cargos veio sorprendel-o a morte insidiosa, ferindo-o quase de brusco, após uma enfermidade rápida que encontrou minado o seu organismo pelo trabalho intenso e continuado de longos annos.

O que foi a sua acção nos diversos cargos que exerceu no período relativamente curto de 1889 a 1892 dil-o a confiança bastas vezes manifestada em sua aptidão e zelo pelos dirigentes da administração e da política, nomeadamente o General Antonio Maria (27) e o Dr. Murтинho que, pertencendo a credos políticos diversos, tiveram entretanto nelle, embora também político, um auxiliar dedicado e leal, nas varias vezes que lhe solicitaram o concurso ao serviço da causa publica.

(27) Da confiança que nelle depositava A. Maria dá ainda testemunho o facto de o haver nomeado membro da Commissão incumbida de apresentar as bases para a organização do futuro orçamento do Estado, composta, alem delle, pelos Snrs. Desembargador Joaquim Barbosa Lima, Dr. José Maria Metello, Major João Maria de Souza contador aposentado José Estevão Corrêa e Cap. Luiz da S. Prado (Gazeta de 20—1—1890)

Capitulo XII

Os últimos annos

O casamento — A ultima enfermidade e a morte — Considerações finais

35) Chegamos, enfim, á ultima phase da vida de J. B. de Mesquita, assignalada pelo seu casamento com D. Maria de Cerqueira Mesquita, em 15 de Maio de 1891.

Pertencia a que foi sua esposa a uma das principaes famílias locais, filha do Cap. João de Cerqueira Caldas e D. Regina Senhorinha Gaudie de Cerqueira, sem descendente pela linha materna do Cap. Mor André Gaudie Ley, figura notável da sociedade cuyabana da primeira metade do século XIX, cujo perfil biographico deixamos esboçado em outro estudo.

Pelo ramo paterno era D. Maria oriunda dos Cerqueira Caldas, importante família que tem o seu tronco ancestral na pessoa do Tenente-Coronel Antonio José de Cerqueira Caldas, portuguez de nascimento, que foi casado com D. Anna Alvim da Silva Albuquerque, estabelecido muito tempo com sitio e engenho de assucar na Serra Acima, districto do “Rio da Casca”.

O Cel. Caldas ou Cerqueirão, como era conhecido, desempenhou relevante papel na sociedade cuyabana entre 1830 e 1856, data do seu fallecimento, tendo sido político e negociante, deixando numerosa descendência que se notabilizou nos mais variados ramos de actividade na antiga Província.

Residia o velho Cerqueira na rua de Baixo, hoje 1º de Março, casa que pertenceu, depois de sua morte, ao seu genro José J. G. de Pina, o qual, enviuvando-se de D. Maria Thereza Caldas, seguiu o estado religioso, tornando-se muito popular e bemquisto nesta cidade, onde falleceu já em avançada idade, a 7 de Janeiro de 1898.

Do enlace de D. Anna Alvim com o Cel. Cerqueira nasceram 7 filhos que são, pela ordem da idade: Antonio, depois Barão de Diamantino; Maria Thereza de Cerqueira Pina, que foi casada com o supra referido Pina; Joaquim, o conhecido e estimado P. Caldas, que foi durante muitos annos Cura da Sé; João; Luiz; Anna, que foi casada com um official de nome Antonio Joaquim Ferreira Ramos e Alexandre, o caçula, que se casou com D. Anna Josepha, filha do Cel. Manoel Antunes de Barros, e deixou descendência. (28)

João de Cerqueira Caldas deixou cinco filhos menores quando falleceu, em 7 de Outubro de 1881, já viúvo, desde 1876, de D. Regina Gaudie, e esses filhos foram recolhidos em sua casa e criados pelo tio paterno e tutor o Barão de Diamantino, em cuja casa meu pai conheceu a depois sua noiva e esposa D. Maria, com quem contractou, em 20 de Março de 1891, o seu consorcio. Desse enlace houve elle um único filho, em 10 de Março de 1892, que recebeu o mesmo nome paterno. Já antes do seu consorcio vinha Barnabé soffrendo em sua saúde, tanto assim que, no seu “Diário”, data de 25—3—91, descrevia:

“Dia 20 contractei com o Barão de Diamantino casar-me com a sua sobrinha D. Maria de Cerqueira Caldas, no dia 16 de Maio futuro, sábbado do E. Santo. Faltão apenas 52 dias: preciso restabelecer-me bem dos incommodos que soffro”. (29)

(28) É pae do Cap. Pedro de Cerqueira Caldas.

(29) De 10 de Março a 25 estivera doente, como se vê do “Diário”.

36) Infelizmente, ao contrario do sonhado restabelecimento, os seus males foram-se aggravando depois do casamento, pois ao seu organismo depauperado e exgottado pelo excesso de trabalho, degenerando em verdadeira estafa, de nada valeram os carinhos de uma esposa solícita e desvelada e de uma mãe e irmãs affectuosissimas.

Sem se aperceber, talvez, do seu estado grave, continuou a mesma vida de labuta incessante, trabalhando sem trégua pode se dizer, até a sua morte.

Em Agosto de 1892 accommetteu-o uma forte influencia que veio concorrer para mais abater o seu physico, cujas resistências já eram assaz reduzidas em vista do nenhum repouso que se dava, e do modo de vida que, há longos annos, vinha mantendo.

Achava-se, entretanto, já melhor do accesso grippal, tendo mesmo se levantado, quando, a 12 daquelle mez — uma sexta feira — pelas 11 horas da manhan, sobreveio-lhe, inesperadamente, um collapso que o victimou, e de modo tão fulminante que o facultativo chamado ás pressas, na vizinhança (30) veio já o encontrar sem vida.

Como a lâmpada que se consomme e se extingue á falta de óleo, se consumira toda a sua energia vital na exhaustão de uma vida de luctas inintervallada de repouso, antes sobre carregada cada dia mais de novas e mais prementes preocupações.

O seu passar pelo mundo pode ser synthetizado em três estágios característicos: nasceu pobre e obscuro; fez se pelo estudo e pelo esforço próprio; succumbiu quando justamente começara a auferir as vantagens do seu trabalho, no seio da família e do bem estar desejado.

Os prazeres do lar conjugal, os doces direitos da paternidade, que elle, com um carinho inexcedível

(30) O Dr. Azambuja, genro do Cel. Baptista Sobrinho.

exercia, não lhe foram dados sinão na illusoria impressão de um sonho ephemero de poucos mezes.

E assim feneceu, quando delle muito ainda poderiam esperar os seus queridos, a sociedade que o tinha como um dos seus esforçados luctadores, e a Pátria, de que era filho amantíssimo e dedicado.

37) Não fora a convicção de que algo sobreexiste á matéria, de que, num outro mundo de paz e de justiça, o espírito recebe a recompensa do Bem que semeou pela terra, a observação de uma vida como esta redundaria no mais doloroso desconsolo e na noção da maior e mais flagrante injustiça do destino cego e impiedoso.

Levar um homem todos os seus dias entretecendo, á custa de martyrios e sacrificios inauditos, um porvir de felicidade, de conforto, de ventura conquistada ao preço de noitadas de ingente estudo e jornadas de incessante labor — pautando os seus actos pela rectidão, trilhando sempre os caminhos da virtude, ásperos e difficeis e justamente quando, Moysés á vista da Terra Prometida, a fartura, o bem estar rudemente obtidos lhe abrem os braços, no seio calmo da família, vir a morte, de chofre, abruptamente, ceifar-lhe a flor de todas as esperanças, — eis que a philosophia puramente humana jamais explicará, jamais poderá justificar, em rigor, a não ser que se admitta que tudo isto é um contrasenso absurdo, é um inane esforço para nada, é uma dolorosa dispersão van e inútil de energias improductivas.

Mas aquelle a quem a crença illumina a noite tétrica do alem tumulo, aquelle que lobriga, depois da morte, outra vida melhor que esta, e na qual se operam, na misericórdia e na equidade divinas, a compensação e o equilibrio que faltam neste mundo, uma vida como a de meu pai tem sua explicação, pois o seu trabalho e o Bem que semeou devem ter fructificado em messe de pródigas bençans infinitas.

E si attendermos ainda, que a memória dos seus posteros, conserva illibada a lembrança do seu nome, como digno exemplo aos que vierem palmilhando esta estrada de dores, e como padrão de honra aos seus descendentes, veremos que a justiça divina não se exerce somente na sua forma sobrenatural e invisível, mas, mesmo de modo sensível, constituindo, por assim dizer, a primeira instancia do seu Tribunal infallivel — o juízo sereno e imparcial da posteridade.

Este consolo, esta esperança, este alento supremo é que nos induziu, no propósito de esboçarmos, por entre as difficuldades naturaes que se nos antolharam, este ensaio ligeiro em que, á guisa de edificação futura, procuramos patentear, á luz cru da verdade, sem ouropeis de falsa ostentação nem arabescos de fictícia rethorica, o que foi, no seu curto, mas fecundo transito pela terra, a vida do humilde mattogrossense que na penumbra da sua modéstia, tanto fez por bem servir, com sincero e não proclamado patriotismo, ao seu querido torrão natal.

Começando da mais completa obscuridade, soergueu-se o nosso biographado até á altura em que lh'o consentiu chegar a Providencia, cortando-lhe os vôos, em pleno azul, quando tudo lhe eram animadoras aspirações para o futuro melhor, quando, no ninho que mal se lhe formara, emplumavam as suas fagueiras esperanças de um lar ditoso...

Injustiça ? Fatalidade iníqua ? Tremenda e dolorosa desillusão para os que se lhe proponham a pisar as pegadas ? Não. Absolutamente não. Arcanos mysteriosos do Destino que, nos seus imperscrutáveis e incógnitos desígnios, só a Deus é dado conhecer. A nós outros, pobres seres de miséria e de dor, só nos fica respeitar esses arcanos que jamais penetraremos e, sem os commentar, sem os censurar, sem siquer procurar, numa analyse van, descobrir-lhes as linhas e os planos so-

UM HOMEM E UMA ÉPOCA

brenaturaes, determo-nos, pávidos e humilhados, como cabe ao infinitamente inscio e pequeno — que nós somos — diante d’Aquelle que é o Infinitamente Grande e o Infinitamente Sábio.

Fim

(De 23/4 a 3/5 de 1924)



José Barnabé de Mesquita “Sênior”

(*Diamantino, MT, 7/03/1855 — † Cuiabá, MT, 12/08/1892)